

**Ministério da Saúde
Fundação Oswaldo Cruz
Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca
Mestrado em Saúde Pública**

RAQUEL DE SOUZA GONÇALVES

**CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS:
TRAJETÓRIAS DE VIDA, TRABALHO E SAÚDE**

RIO DE JANEIRO

2004

RAQUEL DE SOUZA GONÇALVES

**CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS:
TRAJETÓRIAS DE VIDA, TRABALHO E SAÚDE**

**Dissertação de Mestrado apresentada a
Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio
Arouca da FIOCRUZ como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre em Saúde
Pública.**

**Orientador: Dr. Marcelo Firpo de Souza
Porto**

RIO DE JANEIRO

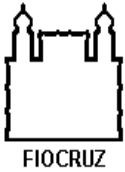
2004

Gonçalves, Raquel de Souza
Catadores de Materiais Recicláveis: trajetórias de vida, trabalho e saúde/ Raquel de Souza Gonçalves. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/ENSP, 2004.

Dissertação de Mestrado apresentada a Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca da FIOCRUZ como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Saúde Pública. 2004.

Bibliografia

1.Saúde do Trabalhador, Catadores de Materiais Recicláveis, lixo, resíduos sólidos



**Ministério da Saúde
Fundação Oswaldo Cruz
Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca
Mestrado em Saúde Pública**

RAQUEL DE SOUZA GONÇALVES

**CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS:
TRAJETÓRIAS DE VIDA, TRABALHO E SAÚDE**

**Dissertação de Mestrado apresentada a
Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio
Arouca da FIOCRUZ como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre em Saúde
Pública.**

Rio de Janeiro, 24 de junho de 2004.

BANCA EXAMINADORA

ORIENTADOR: Dr. Marcelo Firpo de Souza Porto

1º Examinador: Dra. Denise Chrysóstomo de Moura Juncá

2º Examinador: Dr. Carlos Minayo Gómez

A todos aqueles catadores que fizeram da atividade da catação de materiais recicláveis uma forma trabalho produtivo como nenhum outro.

AGRADECIMENTOS

Por meio deste trabalho agradeço a todos que me apoiaram e incentivaram ao longo desses anos de estudo.

A Deus, por estar ao meu lado sempre, iluminando o caminho da minha vida e principalmente os momentos que me exigiram intensa dedicação.

Aos meus pais Luzemi e Vanildo, que tanto lutam para que eu *seja alguém na vida* e que me servem de grandes exemplos de vida. A eles, que me deram a vida e me ensinaram a vivê-la com dignidade, sempre me apoiando, não bastaria um, mas sim, vários obrigadas.

Aos meus irmãos Letícia e Vinícius, que me auxiliaram na conquista deste trabalho.

Ao meu marido Jonne, que tantas vezes não compreendeu a minha escolha em estudar um tema tão diferenciado, mas me apoiou em vários momentos desta pesquisa.

A minha filha Rayssa, que mesmo recém chegada ao mundo me trouxe mais motivação para a conclusão desta etapa da minha vida.

A Professora Denise Chrysóstomo de Moura Juncá, que com sua serenidade me apoiou e compreendeu nas *derrotas* e vitórias.

Ao Professor Marcelo Firpo de Souza Porto que além de professor e orientador também foi um *analista de plantão* compreendendo a relação direta entre a minha vida acadêmica, profissional e pessoal.

Ao Professor Carlos Minayo Gómez que no decorrer do meu aperfeiçoamento acadêmico aliou conhecimento e amizade.

As Prefeituras Municipais de Arraial do Cabo, Casimiro de Abreu, Iguaba Grande e Rio das Ostras pelo apoio no desenvolvimento desta pesquisa.

A todos que transformaram meu ideal em realização, ***um muitíssimo obrigada.***

“As cicatrizes da vida não se restringem
às marcas deixadas pelo trabalho”.
Wisner (1987 *apud* Lopes, 2000)

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo qualitativo da trajetória de vida, trabalho e saúde de Catadores de Materiais Recicláveis dos lixões de Iguaba Grande e Rio das Ostras, bem como de Catadores das usinas de reciclagem de resíduos sólidos de Arraial do Cabo e Casimiro de Abreu (municípios localizados na Região das Baixadas Litorâneas do Estado do Rio de Janeiro). A análise do tema justifica-se, dentre outros, pelo elevado número de catadores de materiais recicláveis em todo país e pelos problemas de saúde pública relacionados ao trabalho com o lixo. Contrariamente à visão que enquadra os catadores de materiais recicláveis como excluídos sociais, o trabalho discute esta categoria enquanto trabalhadores úteis, elos fundamentais de uma cadeia da reciclagem no país, ainda que marginalizados e não reconhecidos socialmente. A pesquisa recorreu a entrevistas semi-estruturadas, observação participante dos processos de trabalho e análise documental nos municípios investigados. Os catadores de materiais recicláveis pesquisados vivenciam processos de exclusão/inserção social em suas trajetórias de vida, trabalho e saúde, permeadas por vulnerabilidades que conjugam a precariedade do trabalho e a fragilidade dos suportes sociais. O estudo problematiza a idéia que a simples passagem dos lixões para as usinas de reciclagem altere substancialmente a precariedade e as condições de trabalho, e aponta questões de gênero e percepção de riscos à saúde como elementos importantes a serem aprofundados em futuras investigações sobre a saúde dos trabalhadores desta categoria.

Palavras-chave: Saúde do Trabalhador, Catadores de materiais recicláveis, lixo, resíduos sólidos

ABSTRACT

This work presents a qualitative study on the routes of life, work and health of the workers living from the recycling garbage coming from the Iguaba Grande and Rio das Ostras “lixões” (inadequate waste deposal), as well as the ones from solid waste recycling plants in Arraial do Cabo and Casimiro de Abreu, all of them, municipalities located in the Lake Region in Rio de Janeiro State. This analysis is mainly based on the high number of scavengers all over the country besides the public health problems derived from this type of work. Opposing to the view which considers these people as socially excluded, this work discuss this category as useful workers, being fundamental links of a recycling chain in our country, although they are marginalized and not socially recognized. This research used as main sources semi – structured interviews, in loco observation of this working process and documental analysis of the previously mentioned towns. These investigated workers live exclusion/insertion social processes throughout their life, work and health, which are marked by vulnerabilities that mix this type of work precariousness and the fragilities of social supports. This study problematizes the idea that the simple change from “lixões” to recycling plants may substancially alter the precariousness of their working conditions and points out the gender and health risk perception questions as important elements to be better investigated in future researches on this workers’ health of this category.

Keywords: Workers’ health; garbage; recycling; solid waste

SUMÁRIO

1. Introdução	01
2. Apreendendo algumas categorias da temática	05
2.1 Lixo ou Resíduos Sólidos	07
2.2 Catadores de Materiais Recicláveis e seu processo de trabalho	12
2.3 Saúde e o trabalho com o lixo	17
3. Catadores de Materiais Recicláveis: excluídos?	22
4. Contextualizando a Proposta de Estudo	31
4.1 Região dos Lagos: praias, lagoas e lixões	31
4.2 Abordagem Metodológica	36
5. Conhecendo as Cidades, os Lixões e os catadores de materiais recicláveis de Iguaba Grande e Rio das Ostras	42
5.1 Conhecendo Iguaba Grande	42
5.2 Conhecendo Rio das Ostras	45
5.3 Histórias de Vida, Trabalho e Saúde dos Catadores dos Lixões de Iguaba Grande e Rio das Ostras	48
6. Conhecendo as Cidades, as Usinas de Reciclagem de lixo e os catadores de materiais recicláveis de Arraial do Cabo e Casimiro de Abreu	65
6.1 Conhecendo Arraial do Cabo	65
6.2 Conhecendo Casimiro de Abreu	67
6.3 Histórias de Vida, Trabalho e Saúde dos Catadores das Usinas de Arraial do Cabo e Casimiro de Abreu	70
7. Considerações Finais	86
8. Referências Bibliográficas	92

1. Introdução

Esta dissertação de mestrado visa apresentar um estudo da trajetória de vida, trabalho e saúde de Catadores de Materiais Recicláveis de lixões e de usinas de reciclagem de resíduos sólidos de quatro municípios localizados na Região dos Lagos do Estado do Rio de Janeiro.

A partir de estudo qualitativo sobre a realidade encontrada apresentamos uma análise qualitativa focalizando os catadores dos “lixões” dos municípios de Iguaba Grande e de Rio das Ostras e os catadores das Usinas de Reciclagem de Resíduos Sólidos dos municípios de Arraial do Cabo e Casimiro de Abreu do Estado do Rio de Janeiro. O trabalho também discute os mecanismos de exclusão social, bem como o sentido que o trabalho e a saúde assumem em suas trajetórias de vida.

Estudos sobre catadores de materiais recicláveis vêm apresentando visibilidade, mais recentemente, na última década. Autores como Azeredo (1999), Bursztyn (2000), Eigenheer (1999), Escurra (1997), Grossi (1999), Juncá (2000), Menezes (1999), Moura (1989), Neves (1995), Portilho (1997) e Souza (1995) vêm se detendo sobre a referida temática. Contudo, esses trabalhos possuem um caráter mais social, ambiental ou mesmo filosófico, mas poucos aprofundam a temática destes trabalhadores no campo da Saúde Pública e principalmente no tocante a Saúde do Trabalhador. Além disso, constatamos a ausência de estudos sobre os catadores de materiais recicláveis em usinas de reciclagem de lixo, embora, existam algumas em funcionamento contínuo no país.

No caso específico da Região das Baixadas Litorâneas do Estado do Rio de Janeiro nenhuma bibliografia foi encontrada, embora nove municípios dos doze que constituem as Baixadas Litorâneas, possuam “lixões” em suas áreas geográficas.

A análise do tema justifica-se socialmente, dentre outros, pelo fato do elevado número de catadores de materiais recicláveis em todo país. Estimativas indicavam que no final da década de 90 existiam 45 mil crianças e adolescentes vivendo e trabalhando em lixões (UNICEF, 2001 *apud* Dias & Varsano, 2000) e 200 mil catadores de rua no país (CEMPRE, 2000 *apud* Jornal da UNICAMP, 2001). Este número elevado é consequência de várias causas, dentre elas e principalmente os grandes índices de desemprego e a viabilidade de revenda de tais materiais na “era da reciclagem”. Ao catar e separar os materiais recicláveis seja em lixões, em ditos “aterros sanitários” ou ainda em usinas de reciclagem por todo país, o catador constitui atualmente um importante elo do sistema de reciclagem.

O interesse pela questão, no entanto, não foi de cunho somente social. A intervenção profissional da autora nessa realidade contribuiu para a formulação de inúmeras indagações teóricas e práticas. Enquanto Assistente Social do Projeto de Atenção aos Trabalhadores do “lixão” de Iguaba Grande e posteriormente como Assistente Social do Projeto de Habitação Popular e Melhorias Comunitárias de Rio das Ostras, visualizamos a necessidade de um estudo qualificado dos catadores de materiais recicláveis da Região dos Lagos, o que poderia subsidiar futuras políticas públicas para este grupo populacional.

Com tal perspectiva, essa pesquisa considerou as seguintes questões que nortearam e foram aprofundadas nos estudos de caso:

1. Os trabalhadores dos lixões ingressam nessa atividade por dificuldade de inserção no mercado de trabalho regional;
2. Os trabalhadores de usinas de reciclagem já trabalharam em lixões e vêem o trabalho na usina como uma perspectiva de melhoria de condições de trabalho;

3. O trabalho na usina é apresentado por entidades governamentais e particulares como um meio digno de trabalho com o lixo, mas as reais condições de trabalho permanecem precárias e excludentes como o trabalho em lixões;
4. A atividade de coleta de materiais recicláveis em lixões, ao longo da trajetória de vida dos catadores, transforma-se de uma alternativa eventual para a obtenção de renda em um trabalho contínuo;
5. Os trabalhadores de lixões e de usinas de reciclagem não relacionam os problemas de saúde com os processos de trabalho com o lixo ao longo da trajetória de vida.

A pesquisa de campo foi desenvolvida em três etapas. Na primeira foram realizados, nos municípios de Iguaba Grande e Rio das Ostras, levantamentos bibliográficos e entrevistas com funcionários públicos e políticos locais. Na segunda a pesquisa foi desenvolvida junto aos catadores dos “lixões” de Iguaba Grande e Rio das Ostras. Já a última etapa foi constituída de visitas às usinas de reciclagem de lixo dos municípios de Arraial do Cabo e Casimiro de Abreu, com entrevistas a funcionários públicos ligados às mesmas e posteriormente aos catadores de materiais recicláveis das referidas usinas.

Além da pesquisa em campo nos quatro municípios da Região dos Lagos pudemos participar do Projeto intitulado - "Saúde, Ambiente e Desenvolvimento: Degradação Ambiental e Efeitos sobre a Saúde decorrentes da Disposição de Resíduos na Baixada Fluminense", sob a coordenação o Dr. Prof. Marcelo Firpo de Souza Porto (Porto, 2002). Através dele conhecemos o Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho/RJ, no qual realizamos entrevistas com os catadores, levantando dados concernentes às condições de vida e trabalho dos mesmos. Posteriormente, visitamos no Rio Grande do Sul Usinas de Reciclagem e Galpões de Associações de catadores de materiais recicláveis.

Tais experiências ampliaram tanto a gama de dados, como as indagações com relação àqueles que trabalham na coleta e seleção do lixo *in natura* e que classificam tal atividade como “*um trabalho como outro qualquer*” (frase mencionada em todas as entrevistas). Conforme Marx e Engels (1984 *apud* Gomez *et al*, 1995), trata-se de uma atividade laboral que produz um determinado modo de vida desses indivíduos. Como exprimem a sua vida, assim os indivíduos são. Portanto, aquilo que eles são coincide com sua produção, com o que produzem, ou seja, depende das condições materiais de sua produção.

Com base no estudo realizado, a dissertação está estruturada em cinco capítulos principais, além da Introdução, das Considerações Finais e das Referências Bibliográficas. Com o título “Apreendendo algumas categorias da temática”, apresentamos inicialmente algumas categorias consideradas indispensáveis para a compreensão do estudo, envolvendo questões como: lixo versus resíduos; trabalho e saúde com o lixo; e o processo de trabalho dos catadores. Em seguida, no capítulo “Catadores de Materiais Recicláveis: excluídos?” realizamos uma reflexão sobre a questão contemporânea da exclusão social, além de analisarmos como o catador pode ser vislumbrado nesse processo. No quarto capítulo – “Contextualizando a Proposta de estudo” - apresentamos a Região dos Lagos e a abordagem metodológica utilizada na pesquisa. Já no quinto e sexto capítulos analisamos os casos dos lixões e das usinas de reciclagem pesquisadas, bem como as vivências dos catadores que atuam nos mesmos, estabelecendo um quadro mais amplo sobre estes trabalhadores. As considerações finais apresentam uma síntese final das principais conclusões da dissertação, bem como alguns limites e perspectivas para futuras investigações sobre o tema.

2. Apreendendo algumas categorias da temática

“Disse Jesus a seus discípulos:
‘Recolhei os pedaços que sobraram
para que nada se perca’”. (Jo 6:12).

Historicamente, desde que os seres humanos começaram a se agrupar, sempre existiu a produção de resíduos. Com o avanço dos processos de industrialização, urbanização e crescimento demográfico houve um aumento crescente da produção de resíduos, que passou a ter uma composição cada vez mais diversificada e perigosa.

O excessivo uso de recursos naturais como matéria prima para a produção industrial, acompanhado por hábitos de consumo e desperdício altamente estimulados na população, contribuíram para a geração ampliada e variada de resíduos. Neste contexto, cada vez mais produtos são produzidos, redundando em mais e mais resíduos. Isso é agravado com a utilização crescente de embalagens descartáveis de alumínio, de ferro, de vidro, de plástico e de papel.

Segundo Eigenheer (1999: 30), a partir da lógica capitalista

“cria-se um paradoxo: é preciso consumir cada vez mais para viver e manter-se na vida moderna, ao mesmo tempo, que se torna necessário evitar que o produto final desse consumo – o lixo – nos ameace”.

Para Rodrigues (1992 *apud* Escurra, 1997: 163), trata-se de um problema de civilização, para o qual não há saída nos limites dela, pois o lixo não é senão a outra face da moeda de um modo de produção. Desse modo, uma sociedade de produção em massa, industrial e de consumo é, necessariamente, uma sociedade de produção em massa de lixo.

Entretanto, acreditamos que a saída para a destinação final do lixo existe. Isto porque se a produção em massa para o consumo desenfreado da sociedade passa pelo econômico, a destinação final também passará. Em outras palavras, na medida em que se encontrar um fim lucrativo para os resíduos (*nicho* de mercado em expansão no país), produzindo recursos financeiros e gerando efetivamente novos negócios, nem todo o lixo continuará a ser considerado lixo pelo mundo empresarial e pela própria sociedade. Segundo Bergamasco (2003),

“uma estimativa do CEMPRE (Compromisso Empresarial para Reciclagem) mostra que, só na atividade de reciclagem de produtos pós-consumo, o Brasil movimentará atualmente algo em torno de R\$ 3 bilhões por ano, considerando apenas os cinco grandes grupos de materiais recicláveis: plástico, papel e papelão, vidro, alumínio e borracha.”

De fato, o valor econômico dado ao lixo crescerá a partir:

- (i) do aumento na sociedade da consciência ambiental e das consequências negativas da produção em massa de lixo;
- (ii) da reversão da externalização econômica dessas consequências, ou seja, quando os custos dos processos de produção e consumo associados ao lixo (degradação ambiental, doenças, dentre outros, implicando no tratamento e destinação adequados do lixo) deixarem de ser distribuídos à sociedade e forem incorporadas por essas cadeias produtivas-econômicas;
- (iii) de quando os custos da reciclagem tornarem-se competitivos aos custos das matérias-primas.

2.1 Lixo ou Resíduos Sólidos

Quando falamos de lixo a imagem que se forma é a daquilo que sobra e não tem mais valor, tendo uma acepção sempre negativa. No dicionário Houaiss (2001) a palavra lixo está designada como:

“qualquer objeto sem valor ou utilidade, detrito oriundo de trabalhos domésticos ou industriais que se joga fora; uso informal ou de forma pejorativa: coisa ordinária, malfeita, feia; pessoas sem qualquer dote moral, físico ou intelectual; a camada mais baixa da sociedade; escória, ralé”.

Portanto usar a noção de lixo é uma forma provocativa e adequada para discutir resíduos em seu contexto social e de exclusão na atual sociedade capitalista. A qual exclui o trabalho vivo e invisível dos catadores.

Já o resíduo é caracterizado como um termo técnico ou neutro, com uso em meios acadêmicos ou profissionais. O dicionário Houaiss (2001) apresenta o termo resíduo como “aquilo que sobra, o que resta de qualquer processo”.

Conforme Ferreira (2000 *apud* Sisinho & Oliveira, 2000) a norma brasileira NBR – 10.004 entende os resíduos sólidos como aqueles nos estados sólido e semi-sólido que resultam de atividades da comunidade, de origem industrial, doméstica, hospitalar, comercial, agrícola, de serviços e de varrição. Ficam incluídos nesta definição os lodos provenientes de sistemas de tratamento de água, gerados em equipamentos e instalações de controle de poluição, bem como determinados líquidos cujas particularidades tornem inviável o seu lançamento na rede pública de esgotos ou corpos d’água, ou exijam para isto soluções inviáveis técnica e economicamente face à melhor tecnologia disponível.

Na mesma norma a periculosidade de um resíduo é definida a partir das características que apresenta e que, em função de suas propriedades físicas, químicas ou infecto-contagiosas, podem constituir:

- (i) risco à saúde pública, provocando ou acentuando, de forma significativa, um aumento de mortalidade ou incidência de doenças e/ou;
- (ii) riscos ao ambiente, quando o resíduo é manuseado ou destinado de forma inadequada.

Cabe ressaltar que o gerenciamento dos resíduos sólidos municipais é de responsabilidade das Prefeituras e depende de como os municípios brasileiros estabelecem e implementam suas políticas. Tal gerenciamento deve consistir de ações normativas, operacionais, financeiras e de planejamento desenvolvidas pela administração municipal baseado em critérios sanitários, ambientais e econômicos para coletar, tratar e dispor os resíduos sólidos de uma cidade, viabilizando processos e procedimentos que garantam a proteção da saúde pública e a qualidade do meio ambiente.

Poucos são os municípios no país que realizam um gerenciamento adequado de resíduos. Segundo dados do IBGE (1991 *apud* Recicloteca, 2000), no início da década passada 76% dos municípios brasileiros depositam seus resíduos sólidos em lixões; 13% em aterros controlados e 10% em aterros sanitários e somente em 1% dos municípios os resíduos sólidos passavam por algum tipo de tratamento, tal como a reciclagem.

Dados mais recentes da Pesquisa Nacional de Saneamento Básico, realizada pelo IBGE (2000 *apud* O Globo, 2002) apontam para uma melhoria significativa. Segundo a pesquisa, em 2000 apenas 30,5% dos municípios depositavam seus resíduos em lixões, 22,3% em aterros controlados e 47,1% em aterros sanitários. Contudo, tais melhorias devem ser vistas com restrições. Segundo o Comitê de Resíduos Sólidos da Associação

Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental (Júnior, 2002), os dados da referida pesquisa apresentam algumas diferenças em relação a outros diagnósticos existentes principalmente no tocante ao número de municípios que está oferecendo um destino final adequado ao lixo em aterros sanitários e controlados.

Fato é que os lixões representam um problema social, ambiental e sanitário. Esses tipos de depósitos de resíduos sólidos, de origem desconhecida e sem qualquer medida de controle ou proteção, aumentam significativamente os impactos ao ambiente e à saúde pública.

Ferreira (1994 *apud* Oliveira, 1997) verificou que a maioria dos municípios brasileiros apresenta as mesmas características no fluxo de resíduos sólidos urbanos, da geração à disposição final, envolvendo simplesmente as atividades de coleta regular, transporte e sua descarga em áreas quase sempre selecionadas em função da disponibilidade, da distância em relação ao centro urbano e da via de acesso, geralmente a céu aberto, quer dizer, transformando-se em “lixões”.

Segundo Nunesmaia (1997), a norma brasileira NBR – 8849 define aterro controlado de resíduos sólidos como a técnica de disposição de resíduos sólidos urbanos no solo, que não causa danos ou riscos à saúde pública e à sua segurança, minimizando os impactos ambientais. Este método utiliza princípios de engenharia para confinar os resíduos sólidos, cobrindo-os com uma camada de material inerte na conclusão de cada jornada de trabalho.

Porém, alguns técnicos caracterizam essas áreas como “lixões controlados”, pois há a redução da poluição visual, mas não há a redução da poluição do solo, da água e da atmosfera, não levando em consideração a formação de líquidos e gases (Sant’ana Filho, 1991 *apud* Oliveira, 1997). O termo aterro controlado é muito confundido com aterro

sanitário, e muitas administrações públicas, sem o profundo conhecimento ambiental e de engenharia, apresentam assim "soluções" onde o que prevalece é à disposição inadequada de resíduos sólidos urbanos.

O aterro sanitário de resíduos sólidos, por sua vez, (NBR 8419/1984, *apud* Recicloteca, 2000), é uma técnica mais eficiente, em termos sanitários e ambientais de disposição de resíduos sólidos no solo. Este utiliza princípios de engenharia para confinar os resíduos sólidos à menor área possível e reduzi-los ao menor volume permissível, cobrindo-os com uma camada de terra na conclusão de cada jornada de trabalho ou a intervalos menores, se for necessário.

Nestes casos, a área para a disposição final de resíduos sólidos, deverá ser previamente avaliada, utilizando-se de técnicas de engenharia que permitam o isolamento de forma mais segura, controlando o contato das substâncias depositadas com o meio (solo, e mananciais). A disposição dos resíduos é feita em camadas, sendo depositado material inerte para confinamento de cada porção. O isolamento do solo consiste em uma impermeabilização da base. Além disso, o aterro sanitário deve conter os seguintes sistemas: drenagem superficial, captação e tratamento de chorume, captação e tratamento de gases, monitoramento e plano de encerramento do aterro.

Configurando-se também como uma possível alternativa para a questão do destino do lixo, a usina de Reciclagem consiste em área destinada a segregação mecânica dos resíduos sólidos, com a finalidade de separar materiais orgânicos dos inorgânicos (materiais recicláveis).

Segundo o Programa Morar Melhor – Ação Resíduos Sólidos (1997)¹, a construção das usinas de reciclagem inclui serviços preliminares de:

“terraplenagem, sistemas de drenagem, sistema de tratamento de líquidos percolados, instalação predial para escritório, guarita, balança, galpão para manutenção de equipamentos, pátio de recepção do lixo, galpão de estocagem de resíduos, equipamentos exclusivos para operação da usina de reciclagem”.

Segundo Nunesmaia (1997), a reciclagem vem sendo expandida como forma de tratamento dos resíduos sólidos urbanos, visando reduzir o volume e o potencial de periculosidade do lixo. A recuperação de materiais recicláveis presentes no lixo possibilita seu reaproveitamento e pode ser também considerada fonte de matéria-prima secundária na fabricação de novos produtos.

Porém, de acordo com Amorim (1996) as usinas de reciclagem são unidades de tratamento incompletas em razão de dois motivos:

- (i) frequentemente submetem os catadores que nela trabalham ao manuseio precário e contínuo dos resíduos sólidos e a um baixíssimo nível salarial, pagos pelas prefeituras municipais e/ou por empresas terceirizadas;
- (ii) mesmo nas melhores condições de operação da usina, sobra um rejeito de 20% a 30% de todo o resíduo transportado para a usina.

Como conseqüência será necessário o transporte de tal resíduo para um local com tratamento adequado ou a existência de um aterro controlado de pequeno porte junto às usinas, o que pode resultar na formação de um novo “lixão”, onde trabalharão novos catadores de materiais recicláveis.

2.2 Catadores de Materiais Recicláveis e seu processo de trabalho

O catador de material reciclável não é um novo ator no cenário da questão dos resíduos sólidos ou do lixo no cenário brasileiro. Segundo Juncá (2001),

“em 1857, um poema chamado ‘O vinho dos trapeiros’ de Charles Baudelaire, já fazia referência à atividade do catador. No Brasil, é a figura do ‘velho garrafeiro’, do começo do século XX, que põe em evidência tal atividade, que se expande com o desenvolvimento da sociedade industrial”.

Trata-se assim de uma atividade antiga, mas que vem se expandindo ao longo dos anos constituindo-se como possível mercado de trabalho, em relação direta com a grande quantidade e qualidade de resíduos sólidos produzidos no país. Selecionando e catando materiais recicláveis, homens e mulheres exercem uma atividade que constitui o primeiro elo do circuito econômico que gira em torno da reciclagem.

Contudo, somente em 2002 a ocupação catador de material reciclável foi incluída na Classificação Brasileira de Ocupações – CBO, cabendo a esse profissional: catar, selecionar e vender materiais recicláveis como papel, papelão e vidro, bem como materiais ferrosos e não ferrosos e outros materiais reaproveitáveis.

Tais atividades podem ser desenvolvidas de formas e em locais diferenciados. Isto significa dizer que existem por exemplo, trabalhadores autônomos e os que se acham subordinados formal ou informalmente a uma estrutura de trabalho. Da mesma forma, existem os que estão nas ruas, em vazadouros, galpões, cooperativas ou associações. O foco desse estudo encontra-se, porém no trabalho desenvolvido por catadores de materiais recicláveis em usinas de reciclagem e em lixões.

Os processos de trabalho e tais catadores diferenciam-se desde o local de execução do trabalho até suas dinâmicas envolvendo a divisão de tarefas, os instrumentos utilizados e conseqüentemente as relações estabelecidas entre os próprios catadores.

Nos lixões os resíduos sólidos das cidades são dispostos através de caminhões em pequenos montes, nos quais os catadores de materiais recicláveis garimpam e coletam com as próprias mãos os materiais recicláveis que estão misturados a todo o lixo. Para isso, utilizam como instrumentos de trabalho pás, enxadas e grandes sacos para o armazenamento do material durante a catação e posteriormente na nova separação dos produtos para a venda.

Esses catadores coletam material reciclável expostos a sol ou chuva, determinando seu próprio ritmo de trabalho e o seu posicionamento físico. Convivem com o mau cheiro dos gases que exalam do lixo acumulado, com a fumaça intensa produzida pela combustão dos gases, com os urubus e moscas em grande quantidade, estando ainda a mercê do risco de contrair várias doenças, se acidentarem e se contaminarem. Os catadores encontram-se expostos aos mais variados tipos de resíduos perigosos, como o lixo hospitalar, já que não existe destinação diferenciada para o mesmo em várias cidades do país. Trata-se de uma situação que é ainda agravada pelo fato dos catadores não fazerem uso de equipamentos de proteção individual, tal como luvas e botas apropriadas.

Tais trabalhadores se organizam a partir de uma divisão de trabalho conforme os tipos de produto para a venda, tais como: alumínio, ferro, papel, papelão, plástico, vidro, dentre outros. Para tanto, cada catador tem seu espaço determinado em área do próprio lixão para deixar o material coletado ao longo do dia ou da noite.

Sua remuneração é definida a partir do volume do material coletado e vendido aos intermediários, para a posterior revenda as grandes empresas de todo o país.

As Prefeituras Municipais, por sua vez, concentrando e controlando os “lixões”, vêm expropriando os modos de sobrevivência criados, reclassificados e dignificados como atividade produtiva pelos indivíduos. Nesse sentido, a atividade de catação pode ser compreendida como resistência e busca de sobrevivência daqueles que não conseguem se inserir no mercado de trabalho local, em consequência da ausência de ofertas de vagas, bem como da baixa escolaridade e qualificação profissional de alguns contingentes populacionais.

Os trabalhadores dos “lixões” servem como separadores manuais (*in locus*) do lixo produzido no município, bem como atuam na eliminação do mesmo ao vendê-lo para os intermediários das grandes empresas de alumínio, vidro, papel e plástico. Quer dizer, as Prefeituras Municipais expropriam os trabalhadores dos “lixões” implicitamente e individualizam os riscos e responsabilidades no tocante a saúde desses trabalhadores. Além disso, os mesmos prestam um serviço à sociedade que não é reconhecido, pois reduzem os impactos ambientais do lixo e da exploração de recursos naturais não renováveis.

Já os catadores que trabalham em usinas de reciclagem acabam sendo divididos em diferenciadas funções, tendo em vista que não é realizada somente a separação do material, quer dizer, dependendo do tipo do produto, esse, posteriormente, é prensado, aglomerado em fardos (enfardado) e empilhado no galpão da própria usina. Tais atividades são realizadas por diferentes trabalhadores na usina. São os encarregados das linhas, os preneiros, os enfardadores, dentre outros.

Sua atividade é exercida em ritmo acelerado e determinado pela chegada de caminhões de lixo, movimentam-se em frente a uma esteira (em alguns municípios elétrica e em outros fixa) por onde passam os materiais a serem separados, tal como a esteira fordista, objetivando separar o maior número de material reciclável diariamente (lembrando

o controle dos tempos e movimentos do taylorismo). Os materiais recicláveis já separados são vendidos para intermediários que, por sua vez, comercializam os mesmos junto às grandes indústrias.

Aproveitando-se desses trabalhadores, as grandes indústrias vêm criando pequenos núcleos de coleta somente nas grandes cidades brasileiras, como meio de eliminação dos intermediários e melhor tratamento dos materiais pela própria população, com o marketing da “reciclagem e proteção à natureza”.

Os catadores nas usinas geralmente são contratados com salário fixo, não tendo qualquer percentual na venda do material reciclável. Alguns possuem contrato com carteira de trabalho, e outros contratos informais, sem registro jurídico.

Similar aos trabalhadores dos lixões, eles convivem com o mau cheiro dos gases que exalam do lixo e com o manuseio do lixo *in natura* nas esteiras (elétricas ou manuais), visto que em muitas usinas o lixo ainda chega todo misturado. Em decorrência desse manuseio, também estão à mercê do risco de se acidentarem e se contaminarem com diversas doenças, o que é agravado pelo fato de muitos deles não fazerem uso de equipamentos de proteção individual, tal como luvas e botas apropriadas.

Semelhante aos catadores em lixões é a expropriação dos catadores nas usinas de reciclagem. Muitos são contratados por baixíssimos salários e não têm acesso aos direitos trabalhistas, tais como: afastamento por motivo de doença, recolhimento do FGTS, seguro desemprego, dentre outros.

Constata-se, portanto, que ainda que esses catadores exerçam uma atividade em princípio formalmente não integrada ao sistema de acumulação capitalista, essa mesma atividade é realizada à base da pura força de trabalho, remunerada a níveis baixíssimos e que transfere permanentemente para as atividades da rede capitalista organizada todo o seu

valor financeiro. Em outros termos, o próprio processo do capital cria e recria relações de exploração do trabalho que não são relações tipicamente capitalistas, ocorrendo a apropriação da miséria com o objetivo de torná-la rentável.

Assim, é um grande engano considerar que esses catadores são supérfluos do ponto de vista da acumulação global, porque vivem dos restos da sociedade. Eles se encontram integrados à economia, ainda que pela via mais perversa de um trabalho informal socialmente não reconhecido. Embora a reciclagem do lixo seja um negócio economicamente rentável, o ciclo de comercialização tem se conservado à margem da legalidade, fazendo com que o trabalho dos catadores seja o elo inicial de uma engrenagem econômica, que se reproduz em condições de marginalidade, na ausência quase absoluta de direitos trabalhistas e na compra de mercadorias por parte dos intermediários e das fábricas de modo informal.

Portanto, os catadores de materiais recicláveis são parte fundamental da cadeia produtiva dos materiais recicláveis, ainda que de forma marginalizada pelos atores econômicos e governamentais. Isso nos leva a concluir que, contraditoriamente ao enquadramento na categoria de excluídos, que pressupõe a não utilidade, os catadores de materiais recicláveis são trabalhadores úteis, dos quais ainda é possível a extração de mais-valia. Tais catadores vivem, na verdade, um processo de exclusão/inserção social, onde suas vidas são permeadas por zonas de vulnerabilidades, fragilidades e precariedades.

Para Oliveira (1997), rigorosamente os únicos realmente excluídos seriam aqueles de quem já não se pudesse extrair nenhum centavo de mais-valia. Este é o caso, por exemplo, dos catadores que reviram o lixo buscando apenas restos de comida para a alimentação própria e dos demais familiares. No Aterro Sanitário de Jardim Gramacho, em

Duque de Caxias no Estado do Rio de Janeiro, tais indivíduos são conhecidos como catadores de “podrão”, termo semelhante ao estado em que se encontram alimentos.

2.3 Saúde e o trabalho com o lixo

Atualmente, pode-se perceber que a constituição do lixo é diversificada e perigosa, em função do consumo desenfreado da sociedade moderna e do aperfeiçoamento tecnológico.

Conforme Rouquayrol (1986 *apud* Sisinho & Oliveira, 2000), o lixo representa um elemento que não deve ser desprezado no estudo da estrutura epidemiológica, uma vez que, pela sua variada composição, poderá conter agentes biológicos patogênicos ou resíduos químicos tóxicos que poderão alcançar o homem direta ou indiretamente, afetando-lhe a saúde.

No caso dos catadores de materiais recicláveis, que estão normalmente em contato contínuo e direto com o lixo, a exposição se dá através da inalação, do contato dérmico, contaminação via oral (principalmente de alimentos), além de existirem outros riscos como acidentes diversos (cortes, atropelamentos por caminhões e tratores) em função de estarem próximos a áreas violentas. Entretanto, inúmeras são as controvérsias quanto à periculosidade do lixo e suas conseqüências para o estado de saúde dos catadores de materiais recicláveis.

Para Eigenheer (1999), o argumento do cuidado com a saúde dos catadores deve ser relativizado, já que a sustentação técnica se silencia diante de tantas outras atividades profissionais lesivas à saúde do trabalhador. A putrefação da matéria orgânica no entorno, a sujeira das roupas e o mau aspecto das pessoas que ali trabalham é que parecem ser

insuportáveis para toda a sociedade. De forma semelhante, Zanon (1992 *apud* Eigenheer, 1999) afirma que a remoção dos resíduos sólidos hospitalar ou residencial é muito mais uma agressão sensorial à visão e ao olfato, do que um risco infeccioso.

No entanto, Malmros *et al* (1992 *apud* Sisinnio & Oliveira, 2000) relatam, que trabalhadores de usinas de reciclagem podem respirar material particulado contendo microorganismos e endotoxinas se não usarem equipamentos adequados – e sofrerem ferimentos com materiais perfurocortantes, que facilitarão a entrada de agentes infecciosos.

Segundo Sisinnio & Oliveira (2000),

“alguns estudos realizados no Brasil com catadores de lixo indicam que os maiores problemas de saúde neste grupo são os seguintes: distúrbios intestinais, parasitoses intestinais, hepatite, doenças de pele, respiratórias e danos nas articulações”.

No Projeto Intitulado - "Saúde, Ambiente e Desenvolvimento: Degradação Ambiental e Efeitos sobre a Saúde decorrentes da Disposição de Resíduos na Baixada Fluminense" (Porto, 2002), no qual foram entrevistados os catadores de materiais recicláveis do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho/RJ, foram identificadas pelos próprios catadores como doenças relacionadas ao trabalho com o lixo: problemas respiratórios, de pele e de coluna, além de alergias, pneumonias, dores de cabeça e estômago, hanseníase, hepatite, leptospirose, pressão alta, desidratações, “*problemas de nervo*” e acidentes.

Tais dimensões não esgotam, contudo, a questão da saúde entre os trabalhadores do lixo. É fundamental enfrentar os determinantes da saúde em toda a sua amplitude, pois o modo de produção, as condições de trabalho e o modo de vida constituem o patamar para se analisar o processo de saúde, adoecimento e morte.

Assim, é possível dizer que tais problemas podem ser agravados, levando-se em consideração que muitos residem em habitações precárias, sem sistemas de abastecimento de água e de esgotamento sanitário, além de também estarem expostos à carência nutricional e dependências contínuas ao álcool e ao cigarro. Outro fator importante a ressaltar é o precário atendimento em unidades básicas de saúde em todo país, nas quais raramente se co-relacionam os problemas de saúde as condições de vida e trabalho dos usuários dos serviços, estabelecendo-se como rotina única de serviço a prescrição de medicamentos, ou seja, uma prática meramente curativa.

Segundo Minayo-Gómez & Thedim-Costa (1999: 412), as implicações de saúde afetam particularmente o grande contingente de excluídos e os segmentos mais vulneráveis do mercado informal. Dentre estes,

“os que exercem atividades com expressivo impacto nas taxas de morbimortalidade, não contempladas nos estudos sobre o trabalho informal, por razões que vão desde a falta de reconhecimento social a seu caráter de ocupação à margem da legalidade (...) força de trabalho atomizada, desprotegida socialmente, por cujo infortúnio ninguém parece ser responsável, restando-lhes apenas soluções individuais”.

A relação saúde e trabalho exige um modelo explicativo e terapêutico que pense os indivíduos como o que de fato são: sujeitos sociais - complexo único de múltiplas dimensões: biológica, social e cultural. Trata-se de pensar a saúde a partir de uma visão mais pluralista e flexível, tendo em vista, importar cada vez mais não apenas a duração ou quantidade de vida, mas a maneira como ela é vivida, ou seja, qualidade de vida.

Segundo Minayo, Hartz & Buss (2000),

“o termo Qualidade de Vida abrange muitos significados, que refletem conhecimentos, experiências e valores de indivíduos e coletividades que a ele se reportam em variadas épocas, espaços e histórias diferentes, sendo portanto uma construção social com a marca da relatividade cultural. Por isso, têm sido construídos diversos instrumentos para sistematizá-lo”.

O patamar mínimo e universal para se falar em qualidade de vida diz respeito à satisfação das necessidades mais elementares da vida humana incluindo um padrão adequado de alimentação e nutrição, acesso à água potável, habitação e saneamento básico, boas condições de trabalho, oportunidades de educação ao longo de toda a vida, saúde e lazer; elementos materiais que têm como referência noções relativas de bem-estar e realização individual e coletiva.

Vislumbra-se, então, a saúde enquanto um estado dinâmico e socialmente produzido. Nesse contexto, busca-se não apenas diminuir o risco de doenças, mas aumentar qualitativamente as chances de saúde e de vida, intervindo multi e intersetorialmente sobre os chamados determinantes do processo saúde - enfermidade.

Nessa perspectiva, a solução do problema da saúde dos catadores de materiais recicláveis passa por um conjunto de ações integradas que simultaneamente enfrente as dimensões sociais, sanitárias e ambientais resultantes dos processos de produção do lixo e da exclusão social.

Notas

1 O respectivo programa tem por objetivo contribuir para erradicar os “lixões” e, paralelamente, ampliar os serviços de coleta, tratamento e disposição final adequada de resíduos sólidos, nos municípios identificados pela UNICEF como tendo crianças que vivem do lixo. Apresentam como financiadores da ação: a Secretaria Especial de Desenvolvimento Urbano, a Caixa Econômica Federal e municípios brasileiros.

3. Catadores de Materiais Recicláveis: excluídos?

“Procurando contrapor o rótulo às referências do vivido e descobrindo, (...) as brechas que se abrem na práxis de um vivido capaz de transformar a vida e o mundo e dar sentido à esperança radical do homem que se humaniza e se liberta a si mesmo de carências, de pobreza, na luta de todos os dias, vivente de distintos tipos de exclusão”.

Véras (2001 *apud* Sawaia, 2001)

A partir dos anos 90, a categoria exclusão social tornou-se recorrente no meio acadêmico e governamental nas mais diferentes sociedades mundiais, sinalizando o destino excludente de parcelas majoritárias da população mundial, seja pelas restrições impostas pelas transformações do mundo do trabalho, seja por situações decorrentes de modelos e estruturas econômicas que geram desigualdades sociais.

De acordo com Nascimento (*apud* Bursztyn, 2000),

“a exclusão social tornou-se moeda comum para designar toda e qualquer forma de marginalização, discriminação, desqualificação, estigmatização ou mesmo de pobreza. Porém sua base encontra-se nos anos 80, como categoria analítica importada da França e usada inicialmente no Brasil pelo Prof. Cristovam Buarque, mas alimentada pela visibilidade cotidiana de uma pobreza que, de rural, tornou-se urbana e, em seguida, metropolitana”.

No Brasil os diversos termos estruturantes do tema das iniquidades sociais – desigualdade, pobreza e exclusão social têm sido confundidos e/ou utilizados como sinônimos pelo senso comum.

Quando falamos de **desigualdades**, estamos nos referindo às distâncias relativas (freqüentemente extremadas) que existem entre os extratos populacionais na apropriação não só econômica, como dos bens, serviços e direitos sociais, políticos e culturais. (Minayo, 2001). Na América Latina, as configurações de desigualdade são estruturais, persistindo ao longo do seu desenvolvimento histórico e social, e hoje se acentuam e se ampliam continuamente.

Já a **pobreza** pode ser entendida enquanto ausência de um número x de rendimentos estipulados e arbitrados oficialmente, numa visão de necessidades mínimas. (Minayo, 2001). Ou seja, o termo pobreza busca fornecer uma maior objetividade para a análise quantitativa dos segmentos sociais com rendimentos considerados abaixo das necessidades mínimas. Cabe mencionar que tal tentativa será sempre objeto de críticas, dada a dificuldade de delimitar com precisão tais patamares.

Por sua vez, conforme Minayo (2001),

“a **exclusão social** pode ser definida como um processo múltiplo de apartação de grupos e sujeitos, presente e combinado nas relações econômicas, sociais, culturais e políticas, dele resultando discriminação, não acessibilidade ao mundo oficial do trabalho e do consumo”.

Na perspectiva de que o vínculo dominante de inserção na sociedade moderna continua a ser a integração pelo trabalho, a transformação produtiva adquire preponderância nas trajetórias de exclusão social.

De acordo com Castel (1998),

“há uma forte correlação entre o lugar ocupado na divisão social do trabalho e a participação nas redes de sociabilidade e nos sistemas de proteção que cobrem um indivíduo diante dos acasos da existência. Donde a possibilidade de construir o que chamarei, metaforicamente, de ‘zonas’ de coesão social. Assim, a associação trabalho estável – inserção relacional sólida caracteriza uma área de integração. Inversamente, a ausência de participação em qualquer atividade produtiva e o isolamento relacional conjugam seus efeitos negativos para produzir a exclusão (...) A vulnerabilidade social é uma zona intermediária, instável que conjuga a precariedade do trabalho e a fragilidade dos suportes de proximidade”.

Transitando por entre as zonas de vulnerabilidade e de exclusão social, destacadas anteriormente por Castel (1998), encontram-se os catadores de materiais recicláveis de lixões e usinas de reciclagem, que vivenciam a precarização do trabalho e processos de fragilidades e/ou vulnerabilidades em outras áreas da vida.

Portanto, podemos entender exclusão social, conforme Escorel (1999), ao mesmo tempo enquanto:

- (i) um processo, porque fala de um movimento que exclui, de trajetórias ao longo de um eixo inserção/exclusão, marcadas pela fragilidade sócio-relacional ou pela precariedade do trabalho;
- (ii) um estado, resultado objetivo de um processo sócio-histórico, no qual podem ser visualizadas rupturas dos vínculos sociais que apartam mais e mais os indivíduos das zonas de coesão social.

Assim, podemos afirmar que exclusão social é um conceito relacional, seja delimitando um processo num eixo de inscrição composto entre os pólos positivo e

negativo, seja delimitando uma condição, pois esta é referida ao que constitui a zona de integração social, em que os vínculos nas várias dimensões são sólidos e estáveis.

Trata-se de um conceito dinâmico, pois a sociedade exclui para incluir, e esta transmutação é condição da ordem social desigual, o que implica o caráter ilusório da inclusão. Todos estamos inseridos de algum modo, nem sempre decente e digno, sendo a grande maioria da humanidade inserida através da insuficiência e das privações, que se desdobram para além do econômico.

Desta forma, pode-se compreender que os processos de inclusão/exclusão social realizam-se através da insuficiência, fragilidade ou precariedade em cinco dimensões da existência humana em sociedade, sendo elas: a do trabalho, sócio-familiar, da cidadania, das representações culturais e da vida humana (Escorel, 1999).

Para analisarmos as trajetórias de vulnerabilidades dos vínculos com o mundo do trabalho torna-se fundamental nos remetermos às questões que vêm marcando as transformações do modelo econômico capitalista, como a reestruturação produtiva, a integração mundial dos mercados financeiros, a internacionalização das economias, a desregulamentação e a abertura dos mercados, bem como as suas conseqüências político-sociais. Segundo Minayo Gomez & Thedim –Costa (1999: 412), tais transformações

“vêm atingindo, de forma acelerada e diferenciada, sobretudo na última década, amplos setores da população trabalhadora. Essas mudanças, em grau e extensão diferentes entre países e no interior dos mesmos, geram permanentes incertezas, novas tensões, aprofundamento das desigualdades sociais e da exclusão social”.

Conforme Antunes (1995: 41), vivencia-se uma

"processualidade contraditória que, de um lado, reduz o operariado industrial e fabril; de outro, aumenta o subproletariado, o trabalho precário e o assalariamento no setor de serviços. Incorpora o trabalho feminino e exclui os mais jovens e os mais velhos. Há, portanto, um processo de maior *heterogeneização, fragmentação e complexificação* da classe trabalhadora".

Em regiões periféricas como é o caso do Brasil, acentuam-se os sinais de desestruturação do mercado de trabalho, observando-se uma progressiva pauperização que envolve inclusive trabalhadores integrados ao mercado formal de trabalho, o crescimento do desemprego estrutural, a geração de postos de trabalho não-assalariados e trabalhos não somente precários mas formas precárias de trabalho precarizado. (Pochmann, 1999).

Esse processo de transformações no mundo do trabalho, por sua vez, vem acarretando novos riscos à saúde, quase sempre decorrentes da organização do trabalho, com o crescimento do desemprego estrutural e das práticas de trabalho parcial, temporário, precário, terceirizado, informal, subcontratado em cascata configurado por uma externalização de riscos e responsabilidades.

De acordo com Telles (1994: 99),

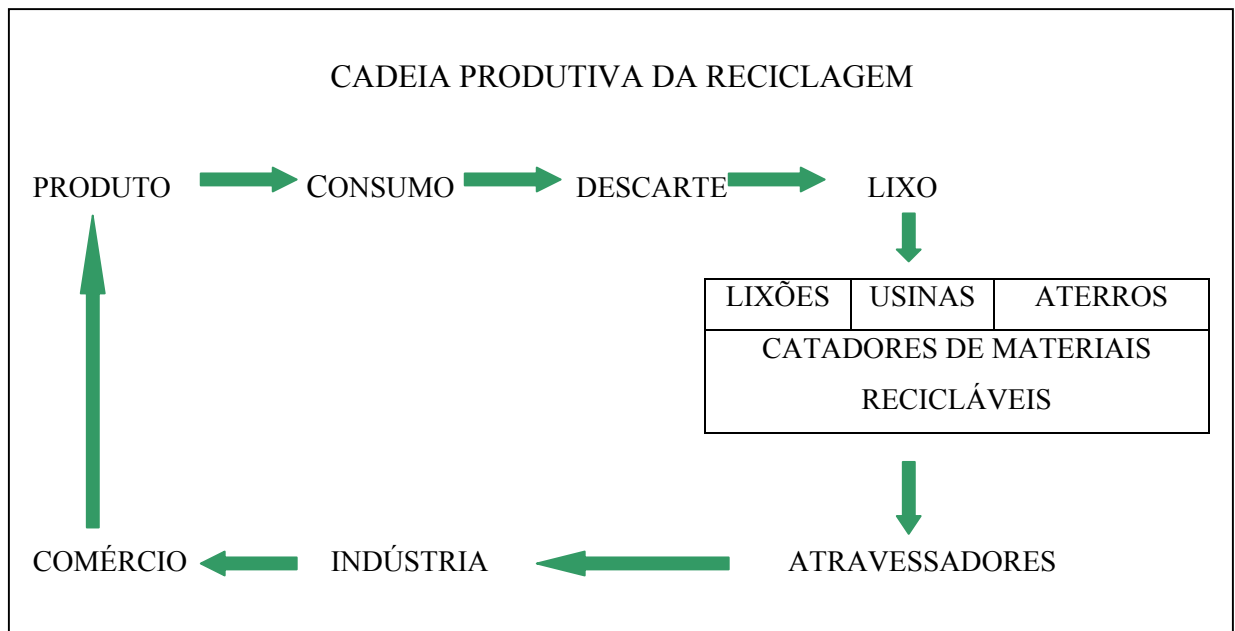
“as atividades no mercado informal, por mais constantes e persistentes que venham a se tornar, não são consideradas trabalho, sendo este a rigor definido por referência à carteira de trabalho assinada que lhes confere identidade e lhes garante direitos sociais, tudo o mais caindo na categoria genérica das atividades de sobrevivência, algo como ‘viração’ que, a rigor, caracteriza o pobre, mas não o trabalhador”.

Nesse contexto, os catadores de materiais recicláveis podem ser vistos como exemplo do exército industrial de reserva disponível. Tratam-se, em realidade, de atores de

longa data no cenário brasileiro, tal como a separação de produtos e roupas já usados para a doação aos menos favorecidos. Entretanto, nos dias de hoje o catador apresenta novas características e especificidades. Se antigamente catar lixo era uma atividade realizada somente pela mendicância com o intuito de conseguir alimentos e roupas para o uso pessoal, atualmente o catador de material reciclável é parte integrante da cadeia da reciclagem no país.

Conforme já abordado no capítulo anterior, a rigor o catador não pode ser considerado como um excluído (enquanto estado permanente), pois ele é um elo incluído em uma cadeia produtiva, ainda que de forma marginalizada, e possa, com isso, sofrer rupturas sociais em outras dimensões da vida em sociedade.

A **cadeia produtiva da reciclagem** é constituída pelo **produto**, esse alvo de marketing para o seu **consumo** em elevada escala. Do consumo temos o **descarte**, a idéia do descartável como comportamento adequado e desejável, tendo em vista a sociedade consumista em que vivemos que enaltece o consumo-descarte imediato. Desse é produzido o **lixo** que após a coleta é direcionado para os lixões, ainda existentes em várias cidades do país; usinas de reciclagem, muitas dessas em péssimas condições de operacionalização; e aterros, como disposição final do lixo. Nesses locais temos a presença de **catadores de materiais recicláveis**, que selecionam, coletam e separam o material misturado ao lixo *in natura*. Tais catadores, de forma autônoma ou através de sistemas de cooperativa ou associação, vendem o material coletado a **atravessadores**, que, por sua vez, o revendem para as grandes **indústrias** de reciclagem do país. Nestas, a partir do material reciclável é processado um novo produto, sendo este vendido ao **comércio** para o posterior consumo da população.



Fonte: Adaptado de Bursztyn (2000).

Em suma, os catadores utilizam materiais supostamente desprovidos de qualquer valor,

“descobrimo nele o valor de uso, e ainda o transformam em mercadoria, incorporando-lhe valor, mediante sua apropriação pelo trabalho. Recorrendo à conceituação marxista, a atividade de reciclagem e reaproveitamento do lixo poderia ser lida como aplicação de trabalho humano incorporado à matéria bruta (o lixo), desprovida de valor de troca, que manteria um valor material residual, o qual a capacitaria para ser, assim, transformada em mercadoria, ou seja, aproveitada por seu valor de troca e, desta forma, retornar ao mercado, ou para ser aproveitada por seu valor de uso, sendo consumida”. (Grossi, 1999: 67).

Identifica-se, assim, que a atividade dos catadores de materiais recicláveis, desprovida de reconhecimento social, representa de fato um trabalho no ciclo da reprodução capitalista.

Segundo Escorel (1999), é justamente no âmbito cultural, no eixo de troca de valores simbólicos, de hábitos e costumes, que a exclusão se manifesta de maneira mais radical, através do não reconhecimento social e da estigmatização. A autora afirma que

“o obscurecimento e a invisibilidade característicos da pobreza e a estigmatização característica da discriminação são acrescidos da indiferença, do conformismo e da fatalidade”. (pág.79)

Certas formas de representação coletiva delineiam determinados grupos sociais como “não-humanos” diante de suas condições de vida e trabalho. Para Buarque (1993 *apud* Escorel, 1999: 80)

“uma diferenciação tal entre os homens que pode chegar a criar ‘espécies’ diferentes de homens”.

Ou até mesmo, uma outra espécie humana. São caminhos de não reconhecimento das identidades sociais, estruturando as bases da interação social, que podem tender tanto para a acentuação das similitudes (relações de proximidade e igualdade) quanto para a acentuação das diferenças (relações de distância e estigmatização), que pode chegar ao seu ápice na banalização da eliminação do ser humano.

Na análise de Escorel (1999), a dimensão sócio-familiar (constituída das relações familiares, de vizinhança e de comunidade) mantém-se como a principal referência para o indivíduo, sendo o suporte mais estável frente às freqüentes adversidades oriundas do mercado de trabalho, da precariedade das proteções sociais e dos estigmas reinantes na sociedade.

Para Telles (1994: 104)

“é em torno da família que homens e mulheres constroem uma ordem plausível de vida: é espaço que viabiliza a sobrevivência cotidiana através do esforço coletivo de todos os seus membros; é espaço no qual constroem os sinais de uma respeitabilidade que neutraliza o estigma da pobreza”.

Com as transformações da esfera produtiva e financeira percebe-se que as relações no âmbito familiar vêm se tornando vulneráveis, podendo inviabilizar os suportes, proteções e reconhecimentos aos seus membros. Desvinculações neste âmbito configuram situações de isolamento parcial ou completo e de solidão nas quais os indivíduos não compartilham nenhum lugar social, e não estão ancorados a nenhuma unidade de pertencimento familiar ou comunitária.

Para Azeredo (1999), ainda que a família não seja construída sob os moldes desejados,

“para os catadores ela é antes de tudo necessária. Diante do campo restrito de possibilidades econômicas e sociais, a família representa para estes indivíduos, como para os pobres em geral, um elo com a vida social no seu sentido mais amplo. A família é tão valorizada porque lhes confere pertencimento, inscrevendo-os numa comunidade concreta”.

No âmbito da dimensão política, para certos autores, desde a transição democrática até o momento atual vem ocorrendo no Brasil um processo de ampliação dos direitos, mas também uma cidadanização seletiva. Isso porque pessoas submetidas a carências materiais extremas, em seu aprisionamento no “reino das necessidades”, encontram enormes obstáculos para conseguir apresentar-se na cena política como sujeitos portadores de interesses e direitos legítimos (Escorel, 1999).

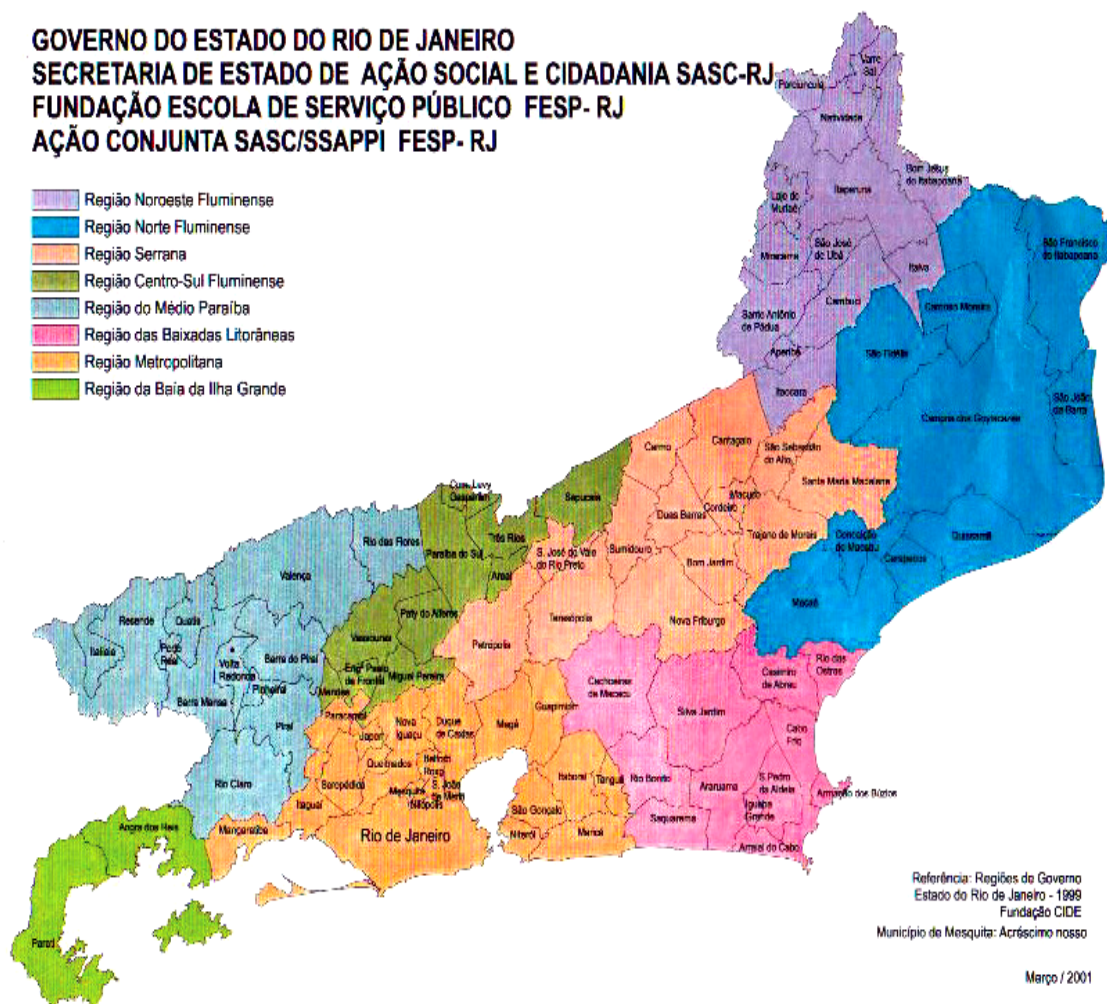
Um exemplo disso é o fato de que, atualmente, muitos brasileiros permanecem sem registro civil de nascimento e conseqüentemente sem os demais documentos de identificação civil. O anonimato de milhões de brasileiros, além de ferir os princípios de cidadania, propicia a exclusão civil e social dos mesmos. Tal situação pode ser vislumbrada também entre os catadores de materiais recicláveis, que vivendo da sobras de toda sociedade, permanecem invisíveis à sociedade, pelo menos com relação aos governantes e às políticas públicas.

4. Contextualizando a Proposta de Estudo

“Pesquisar é antes de tudo descobrir algo novo, trilhar caminhos distintos dos convencionais, perturbar certezas e convicções, embaralhar razão e paixão”.
(Adorno *apud* Azeredo, 1999)

4.1 Região dos Lagos: praias, lagoas e lixões

A Região das Baixadas Litorâneas do Estado do Rio de Janeiro - mais conhecida como Região dos Lagos - é constituída por 12 municípios, sendo eles: Araruama, Armação de Búzios, Arraial do Cabo, Cabo Frio, Cachoeiras de Macacu, Casimiro de Abreu, Iguaba Grande, Rio Bonito, Rio das Ostras, São Pedro da Aldeia, Saquarema e Silva Jardim.



Famosa pela diversidade de praias, lagoas e dunas, a Região dos Lagos oferece opções de lazer que reúnem charme e beleza, seja no roteiro gastronômico, seja nos mergulhos que se pode dar numa exuberante natureza de águas temperadas e densas extensões de areias. Esse é um litoral onde o verão é soberano e o inverno um tímido senhor de poucos dias contados.

Água salgada é artigo farto e é objeto da atração dos que aqui vêm buscar os seus encantos. Os adeptos dos esportes náuticos têm na região um dos melhores cenários para dar vazão à aventura marinha. Água doce na região constitui-se em um desafio histórico, sendo a situação de água potável muito complicada, chegando a prejudicar o seu desenvolvimento. Na maioria dos municípios a população consome água oriunda de poços artesianos ou de caminhões pipa, com garantia de qualidade duvidosa.

A vegetação nativa remanescente nessa região compreende manchas de variados tamanhos da *mata atlântica*, situadas nas serras de Iguaba Grande (Área de Proteção Ambiental da Serra da Sapiatiba), Saquarema, Rio Bonito, Silva Jardim, Casimiro de Abreu e Rio das Ostras (Reserva Biológica União); de *restinga*, em Itabebussus (Rio das Ostras), em propriedades do Ministério da Marinha em Cabo Frio e São Pedro da Aldeia, e nas áreas tombadas em Cabo Frio e Arraial do Cabo e na APA de Massambaba; *brejos* de grande envergadura nas bacias do rio São João, Una e das Ostras; *manguezais* na foz dos rios São João e das Ostras e em trechos da lagoa de Araruama e um tipo peculiar de vegetação, chamado de *savana estépica*, que ocorre nas colinas costeiras de São Pedro de Aldeia, Cabo Frio, Arraial do Cabo e Armação dos Búzios.

Inicialmente, a economia de toda região era voltada para a pesca, extração de sal e agropecuária. Com o tempo, a atividade agrícola foi perdendo sua importância em toda a Região dos Lagos. Já a extração de sal, que em passado não muito remoto se constituiu em

uma das principais fontes econômicas, agora é pouco representativa. Hoje a situação sócio-econômica da Região dos Lagos está amplamente voltada para o turismo, o comércio em geral, a prestação de serviços, a construção civil e a expansão de loteamentos e condomínios. Outra fonte de receita são as parcelas mensais recebidas por cada município como participação governamental dos royalties do petróleo.

Tais características sócio-econômicas têm como resultado a sazonalidade do trabalho e a ausência de vínculo empregatício formal, tornando a força de trabalho na Região dos Lagos em um grande exército de biscateiros, que alternam permanentemente o trabalho sazonal/espórádico com o biscate na serventia doméstica, na construção civil, no comércio ambulante ou na prestação de serviços como caseiros e jardineiros.

A área de saneamento básico e infra-estrutura urbana é um dos grandes desafios que irá marcar esse novo século, aliando o potencial turístico da região ao bem estar de seus municípios.

A coleta e a disposição final dos resíduos sólidos é deficiente em toda região. Dos doze municípios da região, nove (Araruama, Armação de Búzios, Arraial do Cabo, Cabo Frio, Iguaba Grande, Rio das Ostras, São Pedro da Aldeia, Saquarema e Silva Jardim), possuem “lixões” em suas áreas de geográficas. Destes, o lixão de Iguaba Grande e o de Rio das Ostras são os menores, tanto pela área de extensão como pela quantidade de lixo produzido diariamente, apresentando, conseqüentemente, um número inferior de trabalhadores em relação aos demais municípios. E ambos os municípios tem como meta a ativação da usina de reciclagem de resíduos sólidos municipal, via Programa Morar Melhor – Ação Resíduos Sólidos, somando-se posteriormente aos municípios de Casimiro de Abreu e Arraial do Cabo como detentores de usinas municipais.

Conforme o subsecretário estadual de Saneamento e Recursos Hídricos, Luiz Edmundo Costa Leite (*apud* Souza, 2001),

“milhões foram investidos na construção de usinas para reciclar e tratar o lixo. Entretanto, além de muitas não funcionarem, a maioria das usinas foram depredadas, tiveram seus equipamentos roubados e, do sonho de se transformar rejeitos em dinheiro, restaram apenas esqueletos de construções abandonadas”.

Exemplificando tal quadro encontram-se as usinas do município de Saquarema, desativada, após custar aos cofres públicos R\$ 40.000,00 (*apud* Azevedo *et al*, 2001); e a do município de Iguaba Grande, que nem chegou a entrar em funcionamento, estando atualmente abandonada pelo poder público local.

Os municípios de Búzios, Cabo Frio e Arraial do Cabo recentemente assinaram um Termo de Ajuste de Conduta (TAC) com o governo estadual, possibilitando, dentre outros itens, a reativação de suas usinas e melhoria de suas condições de funcionamento.

Diante desse cenário, foram selecionados para a realização deste estudo os municípios de Arraial do Cabo, Casimiro de Abreu, Iguaba Grande e Rio das Ostras. Nestes, a pesquisa subdividiu-se em locais diferenciados, sendo em Iguaba Grande e Rio das Ostras em seus respectivos lixões; e em Arraial do Cabo e Casimiro de Abreu em suas usinas de reciclagem de resíduos sólidos. Nos referidos locais foram entrevistadas 13 pessoas, sendo: 08 catadores de materiais recicláveis, 01 Prefeito e 04 funcionários das respectivas Prefeituras. Tais entrevistas foram realizadas entre agosto de 2002 a abril de 2003.

O quadro a seguir sintetiza as principais informações dos locais onde foram realizados os trabalhos de campo e as entrevistas.

Quadro 1: Lista dos municípios e locais onde foram realizados os trabalhos de campo.

Municípios	Local	Tempo de Funcionamento	Estimativa de Trabalhadores	Total de Entrevistados (catadores,/Prefeito/ funcionários das Prefeituras)	Período das Entrevistas
Arraial do Cabo	Usina de Reciclagem	12 anos	30	04	Outubro/02 e Abril/03
Casimiro de Abreu	Usina de Reciclagem	04 anos	15	03	Dezembro/02
Iguaba Grande	Lixão	01 ano (nesse local) 31 anos (em diferentes locais do município)	10	03	Agosto/02
Rio das Ostras	Lixão	15 anos	20	03	Novembro/02

4.2 Abordagem Metodológica

A pesquisa de campo foi desenvolvida em três etapas, tendo início nos municípios de Iguaba Grande e Rio das Ostras, os quais mantêm “lixões” em suas áreas geográficas. Inicialmente realizamos levantamentos bibliográficos de documentos nas Secretarias de Trabalho e Ação Social e de Bem Estar Social. O acesso foi facilitado pelo fato da autora ser, assistente social concursada desses municípios além de, mestrande da ENSP/FIOCRUZ. Também foram realizadas entrevistas a funcionários públicos e políticos tendo em vista a análise das respostas do Poder Público para o enfrentamento da questão. Portanto, em Iguaba Grande foi entrevistado o atual prefeito e em Rio das Ostras o Assistente I da Secretaria Municipal de Obras e Serviços Públicos–SEMUOSP, na impossibilidade do atendimento pelo respectivo prefeito da cidade.

A seleção dos catadores a serem entrevistados em cada um dos quatro municípios priorizou os trabalhadores que permaneciam trabalhando nos referidos “lixões” desde sua criação, ou os que neles trabalharam o maior número de anos. Pretendia-se estabelecer como critério a concomitância de tempo entre a criação e a permanência do trabalhador no referido local ou, em não sendo possível, entrevistar os trabalhadores que desenvolvem suas atividades nos referidos locais o maior número de anos. Além disso, optou-se por entrevistar dois catadores em cada local, um de cada sexo, totalizando 8 entrevistados.

Em todas as entrevistas aos catadores foi utilizado, como um dos instrumentos de coleta de dados a história de vida tópica, partindo-se de um roteiro de perguntas que permitia a interação entre o pesquisador e o informante. Consideramos, primordialmente, os aspectos da vida, saúde e do trabalho dos catadores, como estratégia importante de captação de informações qualitativas, pois, conforme Denzin (1973 *apud* Minayo, 1998) a história de vida apresenta as experiências e as definições vividas por uma pessoa, um grupo, uma organização, ou seja, como esses interpretam sua experiência.

Além disso, para a melhor análise dos dados coletados, todos os relatos foram gravados. De acordo com Queiroz (1983),

“a riqueza de dados da gravação das entrevistas encontra-se em além de colher aquilo que se encontra explícito no discurso do informante, abrir as portas para o implícito”.

Utilizamos, ainda, a observação participante definida por Schwartz e Schwartz (1955 *apud* Minayo, 1998) como um processo pelo qual mantém-se a presença do observador numa situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador está em relação face a face com os observados, e ao participar da vida deles

no seu cenário cultural, colhe dados. Assim o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por ele.

Na observação participante dos locais selecionados concentrou-se o interesse não só na relação entre processo de trabalho e saúde dessas populações, mas também nos significados atribuídos aos respectivos processos e fatos vivenciados do dia a dia para posterior análise. Para o registro das imagens dos locais pesquisados e dos processos de trabalho dos entrevistados recorremos ao uso de fotografias.

A inserção nos lixões foi facilitada pelo prévio conhecimento dos catadores do trabalho desenvolvido junto à população, enquanto assistente social nas duas prefeituras.

No caso do município de Iguaba Grande atuamos como assistente social do Projeto de Atenção aos Trabalhadores do “Lixão”, no período entre 1999 a 2000, viabilizando uma discussão entre catadores e o poder público local sobre a implantação ou não da Cooperativa de Catadores de Materiais recicláveis, a ser gerenciada pela própria prefeitura. Tal ação possibilitou um contato maior com os catadores e conseqüente resistência às idéias de gerenciamento monopolizado da Cooperativa por parte da prefeitura. Essa, posteriormente, chegou a nos afastar do projeto como meio de desarticular os catadores do “lixão”, o que não ocorreu como previsto.

No município de Rio das Ostras, ao executarmos ações do Projeto de Habitação Popular e Melhorias Comunitárias, vislumbramos a importância de um trabalho sócio-educativo com as famílias que receberiam casas populares da prefeitura, dentre essas, famílias cujos membros trabalham no “lixão” do município. Assim, ao longo de um ano foram realizadas reuniões com essas famílias, o que permitiu a aproximação e o apoio social às mesmas através de recursos municipais (creche, escola, suplementação alimentar para crianças, gestantes e idosos, dentre outros).

Os catadores de Iguaba Grande e Rio das Ostras demonstraram interesse pela pesquisa, mas no decorrer de suas falas resumiam suas histórias de vida, como se essas não contivessem fatos importantes a serem apresentados na pesquisa. Talvez isso tenha ocorrido pela relação de proximidade que mantinham conosco.

As preocupações dos catadores dos dois municípios se diferenciavam em parte, devido às distintas perspectivas de ações governamentais. Em Iguaba Grande os catadores discutiam o fato da prefeitura querer implantar uma cooperativa de catadores de materiais recicláveis “em princípio” vinculada à própria prefeitura, bem como a difícil negociação com os donos de terrenos locais para a mudança do local do lixão no município. Já em Rio das Ostras sua preocupação era a desativação final do lixão, essa afirmada em audiência pública em 2002 pelo governo municipal, e o futuro dos atuais catadores que sobrevivem do trabalho de coleta de materiais recicláveis no lixão do município.

No decorrer das entrevistas em Iguaba Grande constatamos que alguns catadores conheciam outros que trabalhavam na Usina de Reciclagem de Arraial do Cabo. Então, solicitamos aos mesmos a viabilização do contato com os referidos catadores, possibilitando a ampliação da pesquisa de campo.

Assim, a partir do prévio contato com alguns catadores da Usina de Reciclagem de Arraial do Cabo, dois desses foram selecionados para serem entrevistados. Inicialmente, embora tivéssemos explicitado os objetivos da pesquisa, a curiosidade e a elevada quantidade de perguntas dos catadores dificultavam o prosseguimento contínuo das entrevistas.

Aos poucos, no decorrer das entrevistas, as falas focalizavam seu cotidiano, demarcando as mudanças nos governos municipais e, conseqüentemente, as mudanças na operacionalização da usina.

Como nas demais prefeituras entrevistamos funcionários públicos municipais, no caso o Diretor da Divisão de Obras da Prefeitura de Arraial do Cabo e o Encarregado da usina de reciclagem, afim de que pudessem contribuir com relatos sobre as condições atuais da usina e o processo de trabalho dos catadores contratados.

Para melhor análise dos dados coletados com relação ao trabalho dos catadores em usinas de reciclagem na região, decidimos pesquisar também o gerenciamento dos resíduos sólidos do município de Casimiro de Abreu, tendo em vista que nesse há duas usinas em pleno funcionamento.

Primeiramente entramos em contato com o Secretário Municipal de Meio Ambiente de Casimiro de Abreu, o qual, além de conceder-nos uma entrevista, nos apresentou as duas usinas de reciclagem municipais.

Em virtude de Casimiro de Abreu dispor de duas usinas de reciclagem de lixo, optamos por selecionar uma delas para o desenvolvimento da pesquisa em campo com os catadores. Foi escolhida a Usina de reciclagem de Rio Dourado devido a sua distância do centro urbano da cidade, tendo pouca ou nenhuma fiscalização da prefeitura, e por ser próxima à divisa com o município de Rio das Ostras.

Como nos demais locais pesquisados foram selecionados dois catadores da Usina de reciclagem de Rio Dourado, os quais nos concederam uma entrevista. No início das entrevistas os catadores apresentaram um pouco de resistência em falarem sobre suas condições de vida, trabalho e saúde, bem como serem fotografados realizando a atividade de separação do material na esteira manual da usina. Relataram que, por diversas vezes, já foram surpreendidos por: políticos em momentos de eleição; cinegrafistas, fotógrafos e repórteres em busca de matérias; pesquisadores e profissionais diversos levantando dados para estudos; os quais chegam se apresentam, fazem perguntas, tiram fotos e vão embora,

sem dar qualquer retorno para os catadores do resultado da pesquisa realizada naquele local.

Entretanto, tal resistência dos catadores foi superada com esclarecimentos dos objetivos da pesquisa, bem como pelo fato de expormos nosso cargo de Assistente Social na Prefeitura de Rio das Ostras, buscando também, através da análise do processo de trabalho executado na usina, subsídios para a implantação de uma usina em Rio das Ostras.

Os dados levantados através das entrevistas partiram dos eixos vida, trabalho e saúde, sendo classificados e analisados a partir das dimensões da exclusão social propostas por Escorel (1999): do trabalho, sociofamiliar, das representações culturais, da cidadania e da vida humana.

5. Conhecendo as Cidades, os Lixões e os catadores de materiais recicláveis de Iguaba Grande e Rio das Ostras

*“Trabalhar em lixão não é pra qualquer um não!
Tem que aprender a catar!”*

(E1: Iguaba Grande/feminino/46 anos)

5.1 Conhecendo Iguaba Grande

Iguaba Grande, foi emancipada, do município de São Pedro da Aldeia, em 08 de junho de 1995, constituída por uma área geográfica com 36,2 Km². Porém a sua implantação enquanto município ocorreu em 01 de janeiro de 1997. Segundo o IBGE (2001), atualmente a população total do município é de aproximadamente, 15.089 habitantes, com Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de 0,796, tendo como classificação nacional a 645^a colocação. Contudo no verão, com a chegada dos veranistas e turistas, o município comporta em média 20.000 pessoas.

A economia de Iguaba Grande já foi voltada para a pesca, extração de ostras e agropecuária. No entanto, a atividade agrícola perdeu sua importância, tal como a extração de sal, que em passado não muito remoto se constituiu em uma das principais fontes econômicas do município. Atualmente no município resta apenas uma salina – Salina Experimental da Universidade Federal Fluminense.

Iguaba Grande tem sua situação sócio-econômica totalmente voltada para o turismo, o comércio em geral, a prestação de serviços, a construção civil e a expansão de loteamentos e condomínios. Com o crescimento acelerado do município, o comércio ficou incipiente, sendo suas limitações supridas pelos municípios vizinhos: Araruama, São Pedro da Aldeia e Cabo Frio.

Como o volume de veranistas e turistas está voltado principalmente para os meses de novembro a março, o município enfrenta ao longo do ano problemas na arrecadação de impostos e elevado índice de desemprego. Isto acaba por influenciar diretamente os municípios, que, em sua grande maioria, vivem com os recursos financeiros gerados pelo turismo. Já a prefeitura conta com a parcela mensal de participação governamental sobre os royalties do petróleo.

Os recursos financeiros municipais vêm sendo gastos prioritariamente em obras de melhoria da infra-estrutura urbana, como o calçamento de várias ruas do município. Já a parte de saneamento básico e da coleta e disposição final dos resíduos sólidos têm sido mal gerenciada pelo poder público local e, mesmo antes de sua emancipação político-administrativa, Iguaba Grande já dispunha de locais inadequados para a disposição final dos resíduos sólidos.



Até os dias de hoje, em Iguaba Grande os locais para disposição final já foram trocados pelo menos sete vezes. Somente na atual gestão os resíduos sólidos do município foram dispostos em dois lugares diferenciados ambos sem qualquer tipo de tratamento.

No entanto, segundo o atual Prefeito desse município a situação é bem diferente.

“Não existe lixão! Existe um aterro controlado em Iguaba Grande. Esse aterro controlado existe há 01 (um) ano e 08 (oito) meses, desde o início do nosso governo. Está localizado em uma área de aproximadamente 75 mil metros quadrados. Em média diariamente são vazados 40 toneladas de lixo nesse local”.

Embora considerado um aterro, este local é conhecido pela população como “lixão”, e encontra-se localizado atrás do centro urbano da cidade, estando próximo à residências da

população de classes média e baixa, escolas públicas, posto de saúde e fazendas de criação de gado.

Suas características o aproximam muito mais de um lixão. Há a disposição diária de lixo nesse local, sem realmente haver qualquer tratamento ao solo. Os montantes de lixo acumulados são espalhados com trator por todo o terreno, minimizando visualmente a questão do lixo no município. No entanto, voltam a ficar em evidência quando há a combustão dos gases que exalam do lixo acumulado, pois há a produção contínua de fumaça que acaba por se alastrar para dentro do centro urbano do município.

5.2 Conhecendo Rio das Ostras

Rio das Ostras foi emancipado do município de Casimiro de Abreu em 10 de abril de 1992, tendo sua implantação definitiva como município em 01 de janeiro de 1993, sendo constituído por 230,3 Km² de área geográfica. Atualmente possui 36.419 habitantes (IBGE/2001), apresentando 0,775 como Índice de Desenvolvimento Humano Municipal, estando na 1188^a colocação na classificação nacional.

O município de Rio das Ostras caracteriza-se como um dos mais agradáveis balneários da região litorânea da Costa do Sol, tendo como principais atividades econômicas a pesca, a agricultura, a pecuária, o comércio e principalmente o turismo/veranismo sazonais.

Tais características fazem com que Rio das Ostras seja um dos municípios escolhidos por diversos segmentos da população como um lugar ideal para se viver, vislumbrando encontrar também fácil acesso a emprego com aquisição de renda e melhores condições de vida.

Assim, Rio das Ostras vem continuamente apresentando um elevado índice de migração. Migrantes esses que, com baixa escolaridade e sem qualificação profissional acabam compondo o mercado informal municipal (comércio ambulante, construção civil, trabalho doméstico).

A prefeitura apresenta arrecadação de impostos relativamente elevada, complementada pela parcela da participação governamental dos royalties do Petróleo. Segundo a própria prefeitura, esse recurso financeiro vem sendo utilizado na melhoria da infra-estrutura urbana do município, como a pavimentação de ruas.

Quanto ao lixo, a prefeitura de Rio das Ostras afirmou em audiência pública em 2002 que seria desativado definitivamente o lixão no município. Para tanto, seriam construídos uma Usina de Reciclagem e um Aterro Sanitário para disposição final dos resíduos sólidos, em área distante do centro urbano. Coincidência ou não, a área comprada pela prefeitura está localizada nas proximidades da usina de reciclagem do 4º Distrito de Casimiro de Abreu – Rio Dourado. Essa última constitui um ponto de discussão entre os dois municípios, tendo em vista sua localização ser à margem da rodovia e estar bem próxima da divisa geográfica entre Casimiro de Abreu e Rio das Ostras.

Contudo, até aquele momento da pesquisa nada foi alterado. O lixão permanecia a céu aberto, na mesma área há pelo menos 15 anos (segundo relatos dos próprios catadores) e sem qualquer tipo de tratamento, facilitando a combustão diária dos resíduos amontoados.



Além disso, no entorno do lixão existem vários barracos de madeira, alguns utilizados como moradia, outros como locais para guardar roupas e materiais dos catadores que não residem próximo ao lixão.



Ressaltamos, ainda, que o lixão de Rio das Ostras encontra-se em bairro residencial, com elevado adensamento populacional, e ao lado de dois conjuntos habitacionais:

- 1) Conjunto Habitacional Cláudio Ribeiro, constituído de 50 (cinquenta) moradias financiadas pela Caixa Econômica Federal em 1997. Desde então, em virtude dos problemas de infra-estrutura das casas e do local, a CEF ainda não concedeu o habite-se para as mesmas, mas ainda assim os proprietários residem com suas famílias nessas casas;
- 2) Conjunto Habitacional Novo Horizonte, constituído de 50 (cinquenta) moradias cedidas gratuitamente à população de baixa renda oriunda de áreas de risco e/ou insalubres do município, através do convênio entre a Prefeitura de Rio das Ostras e o Governo do Estado do Rio de Janeiro pelo Programa Habitar Brasil 1999.

5.3 Histórias de Vida, Trabalho e Saúde dos Catadores dos lixões de Iguaba Grande e Rio das Ostras.

Nos lixões de Iguaba Grande e de Rio das Ostras, diariamente, mulheres e homens trabalham coletando material reciclável, em pequeno número na maior parte do ano, e em maior número no verão devido a maior quantidade de lixo produzido no município pelos munícipes e pelos turistas. Assim, nesse período podem ser visualizadas famílias inteiras (adultos, idosos, adolescentes e crianças) trabalhando e/ou sobrevivendo do que foi descartado pela população.

A observação participante e as entrevistas em Iguaba Grande e em Rio das Ostras ocorreram em períodos de baixa temporada. Período em que, conforme os próprios catadores, permanecem somente aqueles que sobrevivem continuamente da venda de materiais recicláveis. Em Iguaba Grande contabilizamos 8 catadores que trabalhavam diretamente nesse lixão, sendo 5 mulheres e 3 homens. Já em Rio das Ostras foram identificados 15 trabalhadores que exerciam continuamente a atividade da coleta de materiais recicláveis no lixão, a maioria constituída por mulheres, sendo 10 mulheres e apenas 05 homens.

Destes, foram entrevistados 02 (dois) catadores em cada um dos dois municípios, os quais serão identificados pelos códigos relacionados abaixo:

Entrevistados	Local de Trabalho	Sexo	Idade	Tempo de trabalho com o lixo	Outras atividades laborativas
E1	Lixão de Iguaba Grande	Feminino	46 anos	22 anos	Doméstica
E2	Lixão de Iguaba Grande	Masculino	50 anos	11 anos	Padeiro Pedreiro
E3	Lixão de Rio das Ostras	Feminino	48 anos	12 anos	Doméstica
E4	Lixão de Rio das Ostras	Masculino	40 anos	10 anos	Pedreiro



Dos trabalhadores entrevistados, constatou-se que começaram a trabalhar ainda crianças, realizando pequenos serviços para a ajuda econômica em casa. As inserções tão precoces ao mundo do trabalho dificultaram o ingresso e a permanência na educação formal, que acabou limitada ao aprendizado ao longo da vida e às experiências adquiridas no dia a dia nos lixões.

“Comecei a trabalhar com 11 anos fazendo serviço pequeno, capinando roça dos outro, carregando água no mato. Minha mãe nunca teve fogão a gás era a lenha mermo, eu carregava lenha e fazia tudo em casa.”

(E1: Iguaba Grande/feminino/46 anos)

No entanto, ao longo das suas trajetórias de vida esses catadores executaram outras atividades laborativas, tais como doméstica, pedreiro e padeiro. E somente posteriormente vieram a trabalhar com o lixo, em função da contínua dificuldade de inserção no mercado de trabalho regional. Tal dificuldade decorria ora pela ausência de vagas, por ser uma região marcada pela sazonalidade do trabalho, ora pela pequena remuneração dispensada aos serviços prestados.

“Não tem outro serviço pra mim. E serviço tá difícil! Também se tem uma casa pra gente limpa e vale R\$ 30,00, a patroa que paga R\$ 20,00, R\$ 15,00. Então é melhó trabalhá aqui, trabalho mais, mas ganho mais no final”.

(E1: Iguaba Grande/feminino/46 anos)

Já o ingresso desses catadores na atividade de catação iniciou-se tanto com outros membros da família (principalmente pais e irmãos) como individualmente em virtude da necessidade iminente da própria sobrevivência. Tal início ocorreu justamente no período de alta temporada turística, com o conseqüente aumento na produção de lixo nesses municípios, facilidade de revenda do material e possibilidade de ganho financeiro imediato.

“Quando minha mãe passou a trabalhar no lixão eu fui junto com ela”.

(E1: Iguaba Grande/feminino/46 anos)

“Trabalhava como pedreiro mas passei um momento difícil, não arrumava trabalho de jeito nenhum, não tinha o que comer e onde ficar. Ai me falaram do lixão e que eu teria dinheiro no mesmo dia. Daí fui vê como era e tô até hoje”.

(E4: Rio das Ostras/masculino/40 anos)

Apesar dos estigmas, os catadores reordenaram suas vidas a partir da construção de um novo espaço de atividade. Espaço que embora não tenha sido fruto de uma escolha, foi sendo incorporado como qualquer outro trabalho, sendo a condição concreta e imediata para a inserção social, ainda que de forma precarizada.

“Trabalho pra mim é a melhor coisa que tem no mundo i eu gosto de trabalhar aqui no lixão. Eu gosto mermo. É um trabalho como outro qualquer”. **(E4: Rio das Ostras/masculino/40 anos)**

“Foi a necessidade de manter meus filhos que fez eu começar a trabalhar no lixo, porque tava sem serviço e já morava aqui no lixão”.

(E3: Rio das Ostras/feminino/48 anos)

A dimensão sócio-familiar desses catadores apresenta fragilidades contínuas ao longo das suas trajetórias de vida. No caso das mulheres, vida, trabalho e família se relacionam precocemente, pois relatam que o trabalho no âmbito familiar fora exercido desde a infância. Tão logo chegaram à adolescência, passaram a trabalhar como domésticas em “casas de família”. Concomitantemente foi também na adolescência que se casaram e constituíram sua própria família. No entanto, as catadoras relatam inúmeras dificuldades no decorrer da vida conjugal, como o desemprego, o uso abusivo e contínuo de bebida alcoólica do marido, bem como a violência verbal e física exercida pelo mesmo sobre os demais membros da família (esposa e filhos).

Por tais motivos, por iniciativa das próprias catadoras os matrimônios se dissolveram e elas se tornaram chefes de família, procurando criar seus filhos mesmo sem qualquer suporte familiar ou social. Para elas a família consistia um bem de suma importância, no qual se identificavam exercendo um papel na sociedade.

“Arrumei marido e saí fora da companhia da minha mãe. No início foi bom mas depois virou o traste que é até hoje. Porque quem sustenta as crianças sou eu com o meu trabalho e quem dá amor, carinho também. Porque ele só serve pra bebe, me chamar de vagabunda e faze vergonha na rua pros filhos. Por aí você vê filha, mermo separada eu não tenho paz”.

(E1: Iguaba Grande/feminino/46 anos)

“Saí da casa da minha mãe pra casar. Casei no papel, era nova, até que um dia o homem sumiu e me deixou sozinha com as crianças. Foi brabeira! Tive que deixar a casa onde morava de aluguel e vir pra esse barraco aqui no lixo com meus filhos. Aí criei sozinha as crianças e crio até hoje com o meu trabalho no lixão”.

(E3: Rio das Ostras/feminino/48 anos)

Já os catadores do sexo masculino que trabalhavam nos lixões pesquisados, têm suas vidas marcadas pelo trabalho precoce em atividades rurais e da construção civil como meio de ajuda financeira à família. Desta, esses trabalhadores saem na fase adulta para constituírem suas próprias famílias. No entanto, segundo seus relatos as relações afetivas se dissolveram devido à fragilidade dos sentimentos e da *“dureza da vida”*. Assim, esses catadores, ao longo de suas trajetórias de vida, tornaram-se pais, mas romperam o vínculo afetivo com as mães dos filhos; encontraram outros *“amores e firmaram compromisso sério”*; ou permaneceram sozinhos.

“Só sozinho, só eu e Deus. Já morei junto duas vez mas não deu certo e tive filho com as duas, três meninas e um menino. Hoje tô sozinho porque ainda tenho que ajudar a criar os meninos. Porque no início tá tudo bem, mas quando não tem serviço e falta dinheiro você é o safado, o vagabundo”.

(E2: Iguaba Grande/masculino/50 anos)

Em comum, alguns desses catadores têm a ausência ou em precário estado de conservação os documentos de identificação civil, tais como: certidão de nascimento, carteira de identidade e carteira de trabalho. Conseqüentemente, encontram dificuldades no exercício da cidadania no decorrer de suas trajetórias de vida.

Para Raichelis (1998: 93),

“a esses grupos são sonogados os próprios vínculos civis da cidadania, que contemplem o mais elementar direito de existir como indivíduos sociais, que se reconheçam e sejam reconhecidos como cidadãos, o que aprofunda a imensa fratura que separa cidadãos dos não-cidadãos, que estrutura um *Estado sem cidadãos* (Fleury, 1994), configurando o que Telles (1992) denomina *pobreza incivil*”.

“Eu casei no papel e só me restou essa carteira (de identidade) velha depois que o homem sumiu. Agora não sei como vai ser pra mudar porque eu não sei onde ele foi parar. E se eu não resolver isso logo a casinha que a prefeitura vai me dá também vai ficar no nome dele”.

(E3: Rio das Ostras/feminino/48 anos)

“Eu não nasci aqui no Rio, sô do Rio Grande do Norte e fui registrado lá. E é a maior dificuldade pra eles manda outra certidão. O pessoal da Leão¹ já tentou várias vez mas até hoje não chegou. E sem uma certidão novinha eu não posso tirar identidade porque eles não aceitam documento rasgado. E sem a identidade eu não posso tirar o CPF e nem o título (de eleitor)”.

(E2: Iguaba Grande/masculino/50anos)

Semelhante aos catadores entrevistados seus filhos os acompanharam no trabalho de catação nos lixões. Algumas falas indicam que, com o passar do tempo, abandonaram tal atividade em virtude dos riscos da mesma e pela complexa representação social do trabalho dos catadores de materiais recicláveis, que causa à juventude vergonha em exercer tal atividade ou até mesmo ter um membro da família na mesma.

“Dos meus 03 filhos, só dois passaram pelo lixão. Fabinho morreu de compricação com 13 anos e Elisangela não quis cata mais porque ela se cortou e ficou com medo de cata caco de vidro. Ela tinha 09 anos e o dinheiro ficava pra ela merma.”

(E1: Iguaba Grande/feminino/46 anos)

“Meu filho trabalhou no lixão comigo até os 15 anos, porque depois ele pegou vergonha de trabalhá no lixo e saiu e começou a trabalhá de carteira assinada em firma . Ele tinha vergonha de trabalhá no lixo porque às vez os colegas dele mexia com ele. Ele ainda tem vergonha de dizer no trabalho e na escola que eu trabalho aqui no lixão. As vez fico chateada porque é daqui que sustento ele e os otros filhos.”

(E3: Rio das Ostras/feminino/ 48 anos)

A renda financeira obtida com a venda dos materiais recicláveis é variável pela produção de cada catador. Porém, segundo os catadores entrevistados, nenhum recebe mensalmente (durante todo o ano) menos do que 03 (três) salários mínimos (o salário mínimo nacional da época da realização das entrevistas era R\$ 220,00), ou seja, R\$ 660,00, sendo a venda do material realizada geralmente quinzenalmente. Com a chegada do período turístico há um aumento na quantidade e na qualidade do material, fazendo com que aumente também a renda financeira dos catadores. Constatamos que o valor do rendimento mensal desses catadores parece influenciar em demasia na permanência no trabalho com o lixo, pois as idades e a ausência de escolaridade dificultam a inserção no mercado de trabalho e, conseqüentemente, no recebimento de um salário equivalente à renda obtida com venda dos materiais recicláveis coletados nos lixões.

“No verão tem mais movimento na Cidade, mais material e aí eu acabo vendendo mais e ganhando mais também. Mas durante o ano todo eu consigo aqui uma faixa pra mais de 03 salários. Eu ganho mais no lixo do que em muito serviço aí fora.”

(E2: Iguaba Grande/masculino/50 anos)

Tal renda financeira dos catadores em comparação a apresentada por outras pesquisas, tal como em Porto (2002), aparenta ser elevada. No entanto, o referido valor é pago quinzenalmente, ou somente quando o catador dispor do material para a venda. Segundo os próprios catadores, muitas vezes ocorre dos compradores dos materiais (intermediários) coletados adiantarem para eles parte ou todo dinheiro de uma futura venda. Tal situação faz com que o catador posteriormente trabalhe tendo como meta tanto a quantidade de material reciclável no valor equivalente ao que lhe foi emprestado pelo comprador do material, como uma outra quantidade de material para a nova venda ao mesmo.

Duas são as explicações que parecem justificar o maior rendimento individual desses catadores:

- (i) a pequena quantidade de catadores em relação à elevada quantidade de lixo nos municípios pesquisados, quer dizer, a partir de uma menor concorrência consegue-se obter mais e melhor material;
- (ii) a experiência adquirida no trabalho com o lixo ao longo do tempo, bem como o conhecimento dos dias, horários e o tipo de lixo dos caminhões de lixo dos municípios. Isto possibilita aos catadores a elaboração prévia da rotina de trabalho diariamente, desde a catação a separação do material reciclável.

Entretanto, o trabalho nos lixões perpassa por uma cultura social contraditória, coincidindo a valorização do lixo e a desvalorização social do trabalhador do lixo, sendo justamente nos âmbitos das representações culturais e das dimensões humanas que a exclusão social desses catadores se manifesta radicalmente. O fato de trabalharem na catação em lixões faz com que sejam estigmatizados, desvalorizados e até mesmo invisíveis para a sociedade. Tal situação, em conjunto com as condições adversas de trabalho, produzem o sofrimento. Como afirma Dejours (1999),

“não podendo gozar os benefícios do reconhecimento de seu trabalho socialmente nem alcançar assim o sentido de sua relação para com o trabalho, o sujeito se vê reconduzido ao seu sofrimento e à aparente normalidade”.

O meio social que estigmatiza é constituído por aqueles que não chegaram ao trabalho no lixo, sendo culturalmente difícil apreender que a presença de tais indivíduos em um lugar como os lixões possa representar o exercício de um trabalho que, como qualquer outro, possui vantagens e desvantagens. A contradição entre a valorização, a estigmatização e o reconhecimento dos riscos aparece nos discursos dos catadores.

“O pessoal pensa que a gente vai pro lixão pra catar coisa pra comer e a gente vai pra trabalhar. Isso chateia, a gente não é bicho, isso aqui é o nosso trabalho”.

(E4: Rio das Ostras/masculino/40 anos)

“Na verdade trabalhar aqui no lixão não tem nada bom!”

(E3: Rio das Ostras/feminino/48 anos)

“O ruim é quando tá chovendo porque é muito ruim cata quando tá chovendo, molha a gente e o material, que acaba vendido por preço menor. Ai é prejuízo!”

(E2: Iguaba Grande/masculino/50 anos)

Embora podendo ser considerados como sem utilidade para o mundo, os catadores em sua atividade afirmam a sua capacidade econômica, moral e física, ressaltando ainda a autonomia como característica do seu trabalho.

“Aqui no lixão eu não sô dominada por ninguém, eu não tenho patrão, eu trabalho por conta própria.”

(E1: Iguaba Grande/feminino/46 anos)

Apesar de exercerem um trabalho autônomo, ao contrário do que relatam, não são tão autônomos assim, na medida em que nenhuma forma de organização de trabalho que se estruture em uma sociedade capitalista é capaz de não sofrer influências da mesma. Este trabalho, por característica já precarizado e marginalizado em sua essência, é legitimado pelas relações capitalistas e pela sua perspectiva de exploração dentro da cadeia produtiva da reciclagem.

Ao longo do tempo, as formas e meios de trabalho modificaram-se, pois se antes trabalhavam catando e separando poucos materiais, sem uma rotina e compradores definidos, hoje realizam todo o processo de trabalho da “catação” com rotina de trabalho, horários, dias e compradores de materiais definidos.

“Eu chego às 07:30 e saio as vez duas horas, três horas da tarde, depende da quantidade de material que chega (...) Trabalho de segunda a sexta, mas quando eu falto durante a semana venho também no sábado”.

(E2: Iguaba Grande/masculino/50 anos)

“Eu gosto de trabalhar a tarde e de noite, o sol tá mais fraco. Agora às quarta-feira eu chego cedo, sete horas já tô aqui porque é o dia de todos os caminhões da cidade trazerem lixo. Eu chego, troco de roupa e começo a catá o material que já tá jogado no lixão e tem dia que eu chego e já tem caminhão jogando lixo. Começo a cata e vô colocando tudo misturado no saco. Quando encho o saco, carrego o saco pra fora do lixão e entorno o material no chão. E volto de novo pra encher o saco. Depois separo o material em sacos diferentes dependendo do tipo de plástico, papel e papelão”.

(E4: Rio das Ostras/masculino/40 anos)

“Eu saí de casa já tô no lixão. Então é só começar a cata a impressa². É melhor catá tudo junto e separa depois, porque se não você perde muita coisa pros outros”.

(E3: Rio das Ostras/feminino/48 anos)

Tal processo de trabalho fora apreendido no decorrer do exercício da atividade da catação, permeado por situações de risco, acidentes e problemas de saúde. Ainda assim, os catadores não co-relacionam os efeitos do trabalho com o lixo à saúde, tendo a percepção de que tudo é inerente a esse tipo de trabalho, não havendo meios de precaução, sendo a responsabilidade individualizada.

“O início do trabalho com o lixo foi difícil porque eu me cortava muito, (risos). Agora é difícil eu me cortar, hein!?”

(E1: Iguaba Grande/feminino/46 anos)

“Saúde? As vezes não tenho mais nada de saúde, já to toda estupriada mermo, com dor de cabeça, dor de estomago, dor no corpo, muito cansaço. Eu vô no médico ele passa remédio, melhora um mucadinho, daqui a pouco volta tudo de novo. Mas os meus problemas de saúde não é por causa do lixão, eu já tinha eles muito antes do trabalho aqui no lixo e com a idade eles foram aumentado”.

(E1: Iguaba Grande/feminino/46 anos)

“Eu lembro de um corte que eu tive até hoje, foi um corte de lata na coxa. Eu tava assim sem esperar mermo, descuidadão, quando eu voltei o corpo a lata veio desceu e deu um corte na minha coxa e deixou uma marca até hoje. Mas tudo isso porque eu não tava ligado”.

(E4: Rio das Ostras/masculino/40 anos)

“Não, nunca tive problemas de doença mermo trabalhando muitos anos aqui no lixão. Nunca tive nenhum problema, graças a Deus!”

(E3: Rio das Ostras/feminino/48 anos)

Diversas discussões vem sendo apresentadas no meio acadêmico quanto a questão da periculosidade do lixo, entretanto ainda não há um consenso em torno do assunto. Para Zanon (1992 *apud* Portilho, 1997) do ponto de vista da saúde a literatura médica ainda está cercada de preconceitos e estigmas.

Para melhor compreendermos o trabalho dos catadores dos lixões torna-se necessário decifrar as experiências do cotidiano e as regras estabelecidas em grupo que constituem a rotina de trabalho. Para poderem coordenar suas ações singulares, os trabalhadores estabelecem entre si laços unificadores, o que para Dejours (1993) são as *regras de ofício*. Em nosso estudo, tais regras se materializam através da coleta somente de material reciclável, da delimitação do tipo de material por trabalhador e da confiança de que o material coletado e deixado separado do "lixão" não será retirado por outro trabalhador.

Vislumbra-se, nos campos de estudo, a facilidade de exposição das regras pré-estabelecidas pelos trabalhadores. Contudo, a dificuldade aparece ao serem indagados sobre o trabalho propriamente realizado.

Como afirma Boutet (1993),

“falar sobre seu trabalho, dizer o que se faz, o conteúdo de sua atividade, é difícil para os agentes. Pois, os trabalhadores podem, às vezes, ter o sentimento de serem incompetentes lingüísticos, de não saberem se exprimir. Não é, entretanto, que lhes faltem palavras para dizer suas experiências. Antes de mais nada, a questão é que os recursos coletivos de uma língua, que devem servir a todo mundo, podem não estar em adequação com cada experiência singular”.

Pois cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação que é determinada pelas relações de produção, pela estrutura sócio-política e pela cultura na qual se inserem. É através da comunicação verbal - que é inseparável de outras formas de comunicação - que as pessoas refletem e retratam conflitos e contradições próprios do sistema de dominação. (Bakhtin *apud* Minayo, 1998).

Portanto, é fundamental fabricar discursos sobre o trabalho que contribuam para elaborar esta formação lingüística lacunar, colocar na mesa dispositivos que ajudem esses trabalhadores para a expressão de uma fala sobre o trabalho.

Trabalho que tem como maioria as mulheres. Conforme Antunes (2000),

“a expansão do trabalho feminino tem se verificado sobretudo no trabalho mais precarizado, marcado por uma informalidade ainda mais forte”.

Acrescente-se a isso o fato de que a mulher trabalhadora, em geral, está submetida a uma quádrupla jornada de trabalho (trabalhadora, dona-de-casa, mulher e mãe), onde conseqüentemente há uma sobrecarga de trabalho, podendo isto acarretar em uma deterioração progressiva da saúde feminina.

As mulheres catadoras pesquisadas tornaram a coleta de material reciclável a sua atividade contínua e fixa, sendo exercida inclusive nos períodos de gravidez. Esta atividade é o único meio para a obtenção da renda familiar, já que são as únicas provedoras do lar, as chamadas mulheres chefes de família. Já os homens, paralelamente à atividade da “catação”, executam pequenos serviços como pedreiros, caseiros, jardineiros e padeiros.

“As mulheres é que levam esse lixo, dos homens que tem, uns vem sempre, outros só querem um trocado”.

(E3: Rio das Ostras/feminino/48 anos)

Durante o trabalho de campo observamos que o respeito e a boa convivência sempre estão presentes. A parceria ocorre não apenas no trabalho, mas na convivência diária como familiares e vizinhos, o que assegura um sentimento de comunhão face às vidas que levam, bem como suportes sociais em diferenciadas circunstâncias. Segundo Escorel (1999: 77),

“na sociabilidade brasileira as relações primárias familiares, locais e comunais mantiveram-se como a principal referência para o indivíduo reconhecer-se como tal (unidade de pertencimento), e como o suporte mais estável frente às frequentes ‘adversidades’ oriundas do mercado de trabalho e da precariedade de proteções sociais”.

Vidas em condições diversas, ainda que se falando dos trabalhadores dos lixões. Enquanto os catadores entrevistados em Iguaba Grande relatam residirem em moradia de alvenaria com energia elétrica e com o acesso por via asfaltada, havendo a necessidade da implantação de sistema de água e esgoto, bem como melhorias no serviço de saúde; os catadores de Rio das Ostras residem no entorno do próprio lixo, em “barracos” de madeira com um único cômodo, sem energia elétrica e com via de acesso em barro.

“Pra nós aqui farta tudo! Farta casa descente, água, tudo! Meu sonho é saí desse barraquinho com meus filhos, morar em uma casinha direitinha com água, luz e sem o cheiro do lixo”.

(E3: Rio das Ostras/feminino/48 anos)

Embora tenham em comum o trabalho com o lixo, as trajetórias de vida, trabalho e saúde dos catadores de materiais recicláveis dos lixões e das usinas diferenciam-se e é o que veremos no capítulo a seguir.

Notas

1 Fundação Leão XIII – órgão executivo do Governo do Estado do Rio de Janeiro, que dentre outros projetos realiza a emissão de documento para a isenção do pagamento de taxa para a requisição da 2ª via de certidões de nascimento, casamento e óbito. Entretanto, o respaldo legal deste órgão limita-se ao Estado do Rio de Janeiro, podendo cartórios de outros Estados se recusarem a aceitar o referido documento de isenção emitido pela Fundação.

2 Denominação da palavra lixo para uma das catadoras em Rio das Ostras.

6. Conhecendo as Cidades, as Usinas de Reciclagem de lixo e os catadores de materiais recicláveis de Arraial do Cabo e Casimiro de Abreu

“Aqui na usina você é obrigado a catar todo tipo de material que dá pra reciclar.

Tem que entrar no ritmo!”

(E7: Casimiro de Abreu/feminino/30 anos)

6.1 Conhecendo Arraial do Cabo

O desenvolvimento de Arraial do Cabo chega no século XX, com o desenvolvimento da extração salineira, do turismo e da indústria química. Com a implantação da Cia. Nacional de Álcalis, em 1943, cresceram ofertas de empregos, que atraíram numerosos trabalhadores de outras regiões e aumentaram a arrecadação municipal de ICMS. Abriram-se salinas, para a produção de cloreto de sódio (sal) e carbonato de sódio (barrilha); vieram as estradas de ferro e rodovias, e com elas novas culturas, os primeiros visitantes, o progresso.

Emancipando-se de Cabo Frio em maio de 1985, Arraial do Cabo busca o desenvolvimento empenhando-se para transformar o turismo em indústria viável e sólida. Atualmente o município é constituído de 23.877 habitantes (IBGE, 2001), com Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de 0,790, ocupando a 803ª colocação na classificação nacional e apresentando 158,1 Km² de área geográfica. Sua situação sócio-econômica é voltada para o turismo, a extração salineira, a indústria química e comércio em geral. A prefeitura dispõe além dos impostos, da participação governamental sobre os royalties do petróleo.

Entretanto, as condições de infra-estrutura urbana do município não são boas, ocorrendo problemas principalmente na parte de saneamento básico e na coleta e disposição final dos resíduos sólidos.

No tocante aos resíduos sólidos, pode-se afirmar que, embora exista o galpão da Usina de Reciclagem, essa de fato não funciona por falta de máquinas. O lixo coletado em todo município é disposto atrás da dita usina, formando vários montes de lixo. Trata-se visivelmente de um depósito de lixo a céu aberto – lixão, onde os catadores contratados para trabalharem na usina se dividem para desenvolverem a atividade de seleção e coleta dos materiais recicláveis.



Segundo o atual Diretor da Divisão de Obras da Prefeitura de Arraial do Cabo, a situação da usina chegou a esse ponto devido à administração anterior.

“Os problemas atuais na operacionalização da usina são decorrentes da má administração pública anterior, o que ainda tem dificultado a reorganização do trabalho de reciclagem no interior do galpão da usina. E aos poucos a nova gestão pública está organizando toda a prefeitura. Já a usina tem gestão dupla, participação pública e particular”.

6.2 Conhecendo Casimiro de Abreu

O município de Casimiro de Abreu, dentre os municípios selecionados para a pesquisa, é o que tem mais anos de implantação na Região dos Lagos. O seu desbravamento data do início do século XVIII, passando a denominar-se Casimiro de Abreu somente em 1938. Constituído por um território com 462,9 Km², possui atualmente uma população de 22.152 habitantes e ocupa a 1020ª posição na classificação nacional do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal com 0,781.

Diferentemente dos três outros municípios ele dispõe além da faixa praiana, de rios, cachoeiras, matas e montanhas, oferecendo várias opções de lazer e turismo. O município está compreendido em quatro distritos, sendo eles: Casimiro de Abreu (1º Distrito-Sede); Barra de São João (2º Distrito); Professor Souza (3º Distrito) e Rio Dourado (4º Distrito). A sua situação sócio-econômica é constituída pela pesca, agropecuária e pelo turismo. Esse último ainda é pouco explorado e com pouco retorno financeiro. Para tanto, é o cultivo de lavouras de feijão, arroz, milho, aipim e banana, além de pastos para a criação de rebanho bovino (com gado de corte e leiteiro) que garante a sobrevivência econômica de uma pequena parcela dos moradores do município, já que grande parte dos munícipes em idade

produtiva estão inseridos no ramo de serviços, exercendo atividades como: pedreiro, doméstica, caseiro, dentre outras.

A atividade industrial relaciona-se com a produção em pequena escala de móveis, artefatos de cimento e beneficiamento de arroz. Já o comércio varejista conta com pequena rede de lojas com pouca capacidade de absorção da mão-de-obra local.

A prefeitura de Casimiro de Abreu, além dos impostos públicos, dispõe da parcela da participação governamental nos royalties do petróleo. Contudo, o município ainda não dispõe de rede de tratamento de esgoto, fazendo com os resíduos sejam lançados *in natura* nas redes pluviais e na bacia hidrográfica da região.

Quanto ao lixo coletado no município, esse é direcionado para duas usinas: uma no distrito-sede do município e outra no 4º Distrito de Rio Dourado. Esta última usina foi a selecionada para a realização da pesquisa de campo. Nela o lixo é separado manualmente pelos catadores. Esses são contratados por uma empresa terceirizada pela prefeitura para o gerenciamento da usina.



Posteriormente a seleção do material reciclável, o lixo orgânico é disposto a céu aberto, em terreno atrás da usina sem o devido tratamento ao solo, como um lixão. Após a formação de pequenos montes por todo o terreno, o lixo é então enterrado.



Segundo o atual Secretário de Meio Ambiente de Casimiro de Abreu, cabe a empresa terceirizada pela prefeitura, além da contratação dos catadores, o gerenciamento das usinas e o tratamento dos terrenos de disposição final dos resíduos sólidos. Essa última ação não foi constatada no decorrer das visitas à usina do 4º Distrito do município.

6.3 Histórias de Vida, Trabalho e Saúde dos Catadores das Usinas de Arraial do Cabo e Casimiro de Abreu

As histórias de vida dos catadores de materiais recicláveis entrevistados nas usinas de Arraial do Cabo e Casimiro de Abreu são permeadas pelo vínculo laboral informal, com baixo nível de escolaridade e conseqüentemente ausência de qualificação profissional, sendo identificados pelos seguintes códigos nesse trabalho:

Entrevistados	Local de Trabalho	Sexo	Idade	Tempo de trabalho com o lixo	Outras atividades laborativas
E5	Usina de Arraial do Cabo	Feminino	51 anos	22 anos	Doméstica/ Catadora no Lixão de Arraial do Cabo
E6	Usina de Arraial do Cabo	Masculino	27 anos	18 anos	Catador no Lixão de Arraial do Cabo/ Pedreiro
E7	Usina de Casimiro de Abreu	Feminino	30 anos	04 anos	Doméstica
E8	Usina de Casimiro de Abreu	Masculino	34 anos	04 anos	Pedreiro

Na usina de reciclagem de Arraial do Cabo alguns catadores trabalharam nos lixões existentes no referido município para ajudar os pais e irmãos, ou ainda para sustentar a própria família, e posteriormente vieram a trabalhar na usina de reciclagem. Portanto, suas experiências de vida, trabalho e saúde diferenciavam dos trabalhadores da usina de Casimiro de Abreu. Esses últimos não haviam tido qualquer trabalho relacionado com lixo ao longo de suas vidas.

Assim, para melhor análise dos relatos separamos os entrevistados por cidade. Iniciaremos com os catadores entrevistados na usina de reciclagem de Arraial do Cabo. Posteriormente, nos remeteremos aos relatos dos catadores da usina de reciclagem de Casimiro de Abreu. Em seguida analisaremos alguns pontos convergentes constatados nas referidas entrevistas.

As experiências de vida, trabalho e saúde dos trabalhadores entrevistados da usina de Arraial do Cabo diferenciam-se a partir da idade e do sexo dos catadores, pois, a catadora entrevistada tem 51 anos e o catador 27 anos. Contudo, os relatos relacionados com o trabalho com o lixo assemelham-se, tendo em vista que ambos os entrevistados trabalham na atividade da catação por período superior a 10 anos; sendo a catadora há 22 anos e o catador há 18 anos, ou seja, desde os 09 anos de idade.

“Desde 80/81 que catá papel dava dinheiro, mas naquele tempo a gente não sabia de latinha, ferro, só entendia de papelão, mas dava um dinheiro bom”.

(E5: Arraial do Cabo/feminino/51 anos)

“Eu trabalhei no lixão por mais ou menos 10 anos e acho que até mais! No lixão a gente trabalhava por conta própria até quando o prefeito da época fez a usina de reciclagem e mandou uma carta convidando nós pra abrir a reciclagem porque só nós sabia trabalhar com o lixão. Então, nossa vida mudô muito. Porque o dinheiro diminuiu mas a gente tem carteira assinada e passou a trabalhá em uma usina de reciclagem, não no lixão!”

(E5: Arraial do Cabo/feminino/51 anos)

“Eu comecei a trabalhar aos 08 anos na roça ajudando meus pais e depois com 09 passei a trabalhar no lixão do Arraial com eles e meus irmãos”.

(E6: Arraial do Cabo/masculino/27 anos)

“Mas no tempo do lixão, quando eu era criança ainda, mais ou menos no ano de oitenta e pouco, as condições do lixo eram terríveis porque o lixo da época era de Cabo Frio e Arraial do Cabo, era uma cidade só e a quantidade de lixo já era muito grande. Eu ainda lembro das montanhas de lixo”. **(E6: Arraial do Cabo/masculino/27 anos)**

Ressaltamos, que ambos os catadores no decorrer de suas trajetórias de vida realizaram outras atividades laborativas, tais como doméstica e pedreiro. Entretanto tais serviços são remetidos pelos próprios trabalhadores como biscates, quer dizer, atividades temporárias para a ampliação da renda financeira, já que o trabalho no lixão e/ou na usina de reciclagem são considerados por esses catadores como contínuos e com renda financeira presumida, visto que eles já têm uma base da própria remuneração mensal. Em virtude da quantidade de material que era coletado no lixão ou pelo somatório do salário fixo e das horas extras de trabalho realizadas na usina de reciclagem.

“Um dia um colega aqui da usina me perguntou se eu não queria fazer um biscate de ajudante de pedreiro em uma obra que ele pegou. Não sabia nada de obra, mas aceitei pra aumentar o dinheiro no final do mês. Mas a profissão de construtor é muito pesada. Pra trabalhar todo dia ainda prefiro aqui na usina, ganho até mais”.

(E6: Arraial do Cabo/masculino/27 anos)

“Eu comecei a trabalhar com 12 anos em casa de família. Ai me casei, tive filhos, me separei, voltei a trabalhar em casa de família. Depois conheci o meu segundo marido e passei a trabalhar mais ainda porque a vida da gente era muito difícil. Então encontramos como saída o lixão, que dava dinheiro e a gente nunca ficava apertado, sempre tinha dinheiro na mão. Fiquei um tempo trabalhando em casa de família, e no lixão, mas depois larguei as faxinas, que era só bico, não dava quase dinheiro, e fiquei só no lixão.”

(E5: Arraial do Cabo/feminino/51 anos)

Em 1990 foi inaugurada a Usina de Reciclagem de Arraial do Cabo, e segundo os próprios catadores, sem energia elétrica e maquinário adequado para o seu pleno funcionamento. Mesmo assim, para os catadores pesquisados a mudança do lixão para a usina trouxe melhorias, ainda que a infra-estrutura da usina de fato não tenha sido montada pela gestão governamental da época. As melhorias podem ser exemplificadas pela possibilidade de terem carteira assinada com salário e horário de trabalho fixos e; do uso de equipamento de proteção individual.

“Na usina chovendo ou fazendo sol você está ganhando porque tem uma carteira assinada e no lixão não é assim. E também o risco no lixão é mais do que na usina. Na usina você tem luva, bota, um lanche, coisas que no lixão não tem”.

(E6: Arraial do Cabo/masculino/27 anos)

“No lixão eu não tinha horário, eu pegava às seis da manhã e chegava em casa às seis da noite. Eu trabalhava o dia todo, porque o lixão é o seguinte quanto mais você trabalha é melhor, você ganha mais. Aqui não, eu trabalho só um turno, tem carteira assinada é uma segurança”.

(E5: Arraial do Cabo/feminino/51 anos)

“Quando a gente começou a trabalhar na usina era a gente mermo que enfardava o papel. É! A gente catava, separava, selecionava, fermentava e depois é que enfardava o papel. Nós não tinha naquele tempo prensa elétrica porque não tinha energia na usina”.

(E6: Arraial do Cabo/masculino/27 anos)

Os processos de trabalho dos catadores da usina de Arraial do Cabo foram sendo aperfeiçoados por eles mesmos, ao longo do tempo, no dia a dia de trabalho, elaborando táticas, alterando os códigos e os “jeitos de fazer”, reapropriando-se, assim, do espaço e do

uso dos objetos às suas maneiras e objetivos, já que os meios e métodos de trabalho são diferenciados dos realizados nos lixões.

“No início o trabalho na usina foi fácil porque a gente já vinha de um trabalho no lixão que era duro, tinha que render. Já na usina não faz diferença o salário é o mermo, não depende da quantidade de material”.

(E6: Arraial do Cabo/masculino/27 anos)

“O difícil no início do trabalho na usina foi usar luvas porque a gente não usava no lixão. Muitos fizeram calo, rebentaram a mão. Pra trabalhar com luva, você não pode tirar a mão de dentro dela, mexer na terra e depois enfiar ela de novo. Você vai machucar as mãos. Mas depois que todo mundo acostuma ninguém mais quis catar lixo com a mão na usina”.

(E5: Arraial do Cabo/feminino/51 anos)

Diferentemente do suposto processo de trabalho de uma usina de reciclagem, em Arraial do Cabo vislumbrou-se um galpão em que ficavam as “baias” de re-separação do material coletado, as máquinas de prensar e quatro salas: a primeira em um andar superior, onde permanecia o encarregado geral da usina; a segunda que é utilizada como refeitório e as duas últimas no térreo do galpão servindo de vestuários feminino e masculino, sendo providas de armários individuais e banheiros no interior das mesmas.



O lixo de toda a cidade é despejado pelos caminhões atrás desse galpão em um grande terreno, que acaba tendo o aspecto de um lixão a céu aberto. Neste amontoado de lixo é que os 30 catadores da usina trabalham, sob sol ou chuva, em dois turnos, ou seja, 15 catadores trabalham das 06:00 às 12:00 e os outros 15 das 12:00 às 18:00 horas da noite.

“Lá atrás ocorre a separação bruta do material. A gente recolhe nos cestos e nos sacos por exemplo só garrafa de plástico e trazemos pro galpão. Aqui no galpão é feita outra separação do material. Então as garrafas de plástico são separadas por tipo de plástico e pela cor do plástico. E isso a gente faz com todos os materiais”.

(E5: Arraial do Cabo/feminino/51 anos)

“A gente cata o material no sol quente, junto com urubu e cachorro. No galpão fica só o material reciclado”.

(E5: Arraial do Cabo/feminino/51 anos)

“A usina não dá conta do lixo produzido em alta temporada, a gente acaba catando só o grosso, por cima, o resto é empurrado e queimado, não é aproveitado porque é muita quantidade de lixo”.

(E6: Arraial do Cabo/masculino/27 anos)

Já na Usina de Reciclagem do município de Casimiro de Abreu o ingresso dos trabalhadores foi diferente do ocorrido em Arraial do Cabo. Embora, eles também tenham exercido pequenas atividades ainda na infância para ajudar a família, com o passar do tempo acabaram tendo outras experiências de trabalho e nenhum contato anterior com o trabalho com o lixo. Tornaram-se domésticas, caseiros, pedreiros e desenvolveram atividades no meio rural, enfrentando ainda situações de desemprego durante algum tempo.

“Eu comecei a trabalhar com 07 anos na roça, fazendo serviços de casa, carregando água na cabeça, catando lenha, cuidava dos meus irmãos menores, carregava trouxa de roupa lavada na cabeça para entregar na casa da patroa da minha mãe”.

(E7: Casimiro de Abreu/feminino/30 anos)

“O trabalho com o lixo na usina no início foi difícil porque eu não sabia separar papel, papelão, jornal, vidro, latinha, cobre porque eu nunca tinha trabalhado com lixo antes. Eu só tinha trabalhado como doméstica e fiquei sem emprego. É completamente diferente, mesmo sendo da área da limpeza, porque você faz coisas muito diferentes. Na hora que você tem que reciclar, você recicla; quando você tem que limpa, você tem que varrer tudo, lavar tudo, permanecer com o ambiente limpo”.

(E7: Casimiro de Abreu/feminino/30 anos)

Constatamos, no decorrer da pesquisa de campo, que os processos de trabalho das duas usinas também são bastante diferentes em função da infra-estrutura das mesmas. Em Casimiro de Abreu os 15 catadores trabalham o dia inteiro em um galpão, das 08:00 às

17:00, com intervalo para o almoço, divididos em diferentes tarefas. Quer dizer, 10 (dez) catadores permanecem em frente à esteira fixa, sendo 05 (cinco) de cada lado, para realizar a catação do material reciclável. Esses são responsáveis pela catação de dois tipos de materiais, os quais são colocados em bombonas azuis que ficam atrás de cada catador. Dois outros catadores tem como função colocar o lixo, que está amontoado em um reservatório, aos poucos na esteira fixa, sendo tal tarefa executada com o auxílio de enxadas. Já os demais três catadores são responsáveis pela retirada, com uma enxada, dos restos do lixo que não foram selecionados da esteira fixa, remanejando-os para o terreno atrás da usina, onde são enterrados. Esses 05 homens, ainda, são responsáveis pela prensa do material e seu posterior armazenamento.

Deve-se ressaltar que, embora os trabalhadores das usinas pesquisadas exerçam uma atividade precarizada em sua essência, existem regulamentos institucionais previamente estabelecidos para a condução dos resíduos sólidos em cada município para essas usinas, os quais condicionam, de alguma forma, o espaço, as condições e as relações de trabalho nele inseridas.

No entanto, há na realidade uma clara distinção entre o trabalho prescrito e o trabalho real desenvolvido nas usinas de reciclagem analisadas. Para Boutet (1993), o trabalho prescrito está diretamente em relação com o *linguageiro* e compreende, sob a forma de escritos, regulamentos, relatos, esquemas de utilização, modos de emprego, tais como vislumbrados nas usinas de reciclagem pesquisadas.

Ao contrário, o trabalho real não dá lugar a uma mesma atividade social de verbalização. Ele se faz, se completa, é o lugar dos *saberes-fazer* incorporados mais que verbalizados. É o próprio lugar do não-dito, do secreto, daquilo que não pode exprimir-se,

pois que é o lugar onde se conduz diferentemente daquilo que é prescrito fazer (Boutet, 1993).

Em ambas usinas de reciclagem identificamos o desenvolvimento do trabalho real pelos catadores, pois adaptam seus meios e condições de trabalho ao desenvolvimento de cada atividade inerente a catação. Para tanto, eles estabelecem entre si laços unificadores, quer dizer, regras em grupo que constituem a rotina de trabalho dos mesmos, o que para Dejours (1993) são as *regras de ofício*.

O trabalho é entendido pelos catadores das usinas selecionadas como meio de sustento da família e como forma digna de inclusão social. Inclusão social dentro de um processo excludente, no qual inclui em determinados eixos da vida humana e exclui ou mesmo fragiliza outros.

“O trabalho é uma forma de vivê, no meu modo de vê, porque se não é um trabalho a gente não pode comê. A gente tem que trabalhar pra trazê o sustento pra dentro de casa.”

(E7: Casimiro de Abreu/feminino/30 anos)

“Trabalho é um meio de você se valorizar, de não ficar dependendo de ninguém ou fazendo coisas erradas que te corrompam. Pelo trabalho você adquire dignidade”.

(E8: Casimiro de Abreu/masculino/34 anos)

Quando o trabalho com o lixo é mencionado pelos catadores das usinas de reciclagem pesquisadas, outras percepções são apresentadas enfocando a necessidade de sobrevivência própria e dos familiares como razão para estarem executando tal atividade. E por essa razão os membros das famílias de tais catadores não questionam a atividade laborativa desenvolvida pelos mesmos.

“Eu vim trabalhar aqui na usina por causa da necessidade, eu estava sem emprego a um tempão, separada e com filho pra criar. A necessidade é que me obrigou a trabalhar aqui. E depois quando eu comecei a receber salário, não importava pra ninguém se eu trabalhava com lixo”.

(E7: Casimiro de Abreu/feminino/30 anos)

“O trabalho com o lixo é um meio de sustento, porque hoje em dia o desemprego está muito grande, não dá pra ficar escolhendo. Não tem quem fale que está aqui porque quer, todo mundo tá aqui porque precisa sustentar a família”.

(E8: Casimiro de Abreu/masculino/34 anos)

É a necessidade que os fazem enfrentar cotidianamente o estigma e as negativas representações culturais por trabalharem com o lixo principalmente no meio social. Para Kergoat (1989), esse enfrentamento configura formas de defesas que,

"têm um caráter de facilitar a adaptação, o que leva Dejours a falar de 'defesa explorada'. Mesmo assim, estas defesas não deixam de ser a emanção de um coletivo, com suas regras e suas normas, que tem igualmente o efeito de unir o grupo operário e permitir o acesso tanto a identidade individual quanto a um sujeito coletivo".

“O fato de trabalhar na usina trouxe muito preconceito pra mim. As pessoas acham que a catação não é trabalho, mas eu vejo isso aqui como dignidade, tudo bem não foi uma escolha, era o que tinha de trabalho. Então não tenho vergonha porque é daqui que vem o meu sustento e da minha família”.

(E7: Casimiro de Abreu/feminino/30 anos)

“Eu nunca tive vergonha do meu trabalho porque ele é digno, eu ganho dinheiro com honestidade. Então porque ter vergonha?”

(E8: Casimiro de Abreu/masculino/34 anos)

O esforço desses catadores em trabalhar no manuseio do lixo é compensado em parte ao possibilitar melhores condições de vida para a família, principalmente, para os filhos, já que almejam que os mesmos não necessitem passar por esse tipo de atividade laborativa para sobreviver. Diferentemente dos trabalhadores dos lixões, os filhos dos trabalhadores das usinas de reciclagem nunca trabalharam com o lixo.

“Eu tenho um filho com 18 anos. Meu filho está fazendo o primeiro ano do Ensino Médio. Eu prefiro que ele estude porque pra mim o estudo vem em primeiro lugar e eu não quero que amanhã o meu filho diga que ele teve que optar entre o estudo e o trabalho e preferiu o trabalho pra ajudar em casa. Eu não quero que no futuro o meu filho seja um burro de carga igual a mim durante toda vida trabalhando com lixo”.

(E5: Arraial do Cabo/feminino/51 anos)

“Eu prefiro me matar de trabalhar aqui na usina do que vê minha família passando necessidade. Eu tento dá de tudo, não quero que falte nada as crianças”.

(E6: Arraial do Cabo/masculino/27 anos)

“Eu amo muito meus filhos, eles são tudo pra mim! Eu não tive outras chances na vida mas quero que meus filhos tenham. E trabalhar aqui é um jeito de eu dá o que eu não tive. Uma das coisas é o estudo. Eu sempre falo pra eles a falta que faz o estudo na vida”.

(E7: Casimiro de Abreu/feminino/30 anos)

No tocante a remuneração mensal recebida pelos catadores das usinas selecionadas, constatamos que essa é inferior a 02 (dois) salários mínimos (o salário mínimo nacional da

época da realização das entrevistas era R\$ 220,00). Os catadores recebem entre R\$ 300,00 a R\$ 400,00 mensais, dependendo da quantidade de horas extras trabalhadas no mês, tendo alguns carteira de trabalho assinada e outros contrato temporário de serviço. Tal situação permite refletir sobre a precarização do trabalho, pois além de exercerem seu trabalho com meios e condições insatisfatórias, ainda são submetidos a relações trabalhistas vulneráveis.

Entretanto, tais relações trabalhistas, bem como o baixo valor do salário, não são questionados pelos catadores em virtude de todos estarem empregados e ainda alguns destes estarem com a carteira de trabalho assinada. Em Arraial do Cabo, embora os catadores trabalhem em turnos, acabam realizando horas extras para conseguirem uma melhor remuneração no final do mês.

“A renda no lixão é bem melhor do que aqui na usina, isso com certeza! Mas isso também vai depender da própria pessoa, porque tem pessoa que não desenvolve bem no lixão, porque no lixão você tem que produzir. E tem muitas pessoas que não produzem bem, então pra eles é melhor a usina, que tem uma carteira assinada com o valor determinado”.

(E6: Arraial do Cabo/masculino/27 anos)

“No início da usina a gente recebia uns 90 cruzeiros o cruzado, nem lembro mais. E hoje a gente pode chegar pra mais de R\$ 300,00 com as hora extra do mês.”

(E5: Arraial do Cabo/feminino/51 anos)

“Aqui na usina todos os catadores recebem o mesmo salário, somente os encarregados que recebem mais porque são responsáveis por tudo. Agora tem catador que tira mais por causa das hora extra.”

(E5: Arraial do Cabo/feminino/51 anos)

Nas usinas de reciclagem de lixo dos municípios de Arraial do Cabo e de Casimiro de Abreu identificou-se que a maioria dos catadores são mulheres, tal como constatado nos

lixões pesquisados. Percebeu-se ainda que em ambas as usinas há uma divisão sexual do trabalho, sendo visível a distinção entre os trabalhos masculino e feminino. Enquanto os homens atêm-se na maior parte das vezes aos locais com a presença de ferramentas e máquinas. Por exemplo, colocar o lixo para a separação na esteira fixa com a ajuda de uma enxada e posteriormente a retirada das sobras não selecionadas pelos catadores, bem como a prensa e o armazenamento dos materiais recicláveis. Já o trabalho das mulheres é muito freqüentemente restrito às áreas mais rotinizadas, onde é maior a necessidade de trabalho intensivo, como a coleta e separação dos materiais recicláveis.

Quando indagados sobre o trabalho com o lixo e a relação com seus estados de saúde, os catadores de ambas usinas selecionadas estabeleceram situações de exposição, riscos, acidentes e co-relações bem detalhadas sobre o trabalho realizado e as patologias que já apresentaram ou que vêm apresentando.

“Com certeza trabalhando com o lixo você aumenta a chance de ter problemas de saúde porque você está disposto a muita coisa. È lixo de hospital com agulha solta e mesmo você com luva, você não tem proteção de segurar a figada de uma agulha e muitas vezes a agulha fura a luva e vem até furar você e você não sabe os riscos que vem de um hospital jogado nesse lixo. Você pode ser contaminado e não é só com isso não, com mijo dos ratos que também pode trazer doenças. Então você pode pegar doenças mais vezes do que na sua casa.”

(E6: Arraial do Cabo/masculino/27 anos)

“Eu costume observar aquelas agulhinhas do diabético vai muito no lixo. E o diabético também pode ter outras doenças”.

(E6: Arraial do Cabo/masculino/27 anos)

“Eu creio que a minha dor na coluna é devido ao trabalho aqui na usina porque às vezes uma hora você tá numa posição depois você tá em outra.”

(E5: Arraial do Cabo/feminino/51 anos)

“Aqui na usina eu levei um tombo. Tinha um ferro pegado no chão, aí eu passei com a bota que pegou no ferro, aí eu caí, levei um tombo, torci meu pé, levei quinze dias pelo médico com gesso”.

(E8: Casimiro de Abreu/masculino/34 anos)

“Eu me queimei uma vez sério! As caçambas de pó de serra chegava a noite e jogavam fogo e deixava queimar a noite toda. Só que teve uma vez que nós não vimos e de manhã chegou outra caçamba de barrilha e jogou no mesmo lugar e tapou o fogo. Eu não sabia que ali tinha fogo, aí foi quando eu pisei e queimei meu pé todinho. Levei um mês com o pé queimado, mas não parei de trabalhar. Fui na farmácia e lá me medicaram com uma pomada, depois colocaram gases no meu pé e eu continuei trabalhando.”

(E5: Arraial do Cabo/feminino/51 anos)

As condições de vida desses catadores aparentam ser melhores do que os catadores dos lixões pesquisados, pois suas moradias encontram-se afastadas das referidas usinas de reciclagem, são de alvenaria com sistema de água, energia elétrica e com acesso por via devidamente asfaltada. Além disso, segundo os catadores entrevistados, os serviços de saúde têm sido oferecidos satisfatoriamente a população nos respectivos municípios pesquisados.

“Graças a Deus minha casa é própria, com tudo direitinho, água, esgoto, luz. E tudo que tem lá, televisão, som, móveis, eu consegui trabalhando com lixo. São mais de 22 anos nessa luta.”

(E5: Arraial do Cabo/feminino/51 anos)

No âmbito familiar constatamos que os quatro catadores entrevistados são casados, ainda que sem documentos oficiais, e possuem filhos. Entretanto, nenhum dos cônjuges dos catadores trabalha com lixo. Eles realizam trabalhos temporários (biscate), como pedreiros e domésticas em seus respectivos municípios. Portanto, as famílias têm os salários dos catadores como única renda fixa mensalmente, o que para os catadores é insuficiente para o sustento de toda a família. Apesar disso, como já exposto anteriormente, não questionam no interior da usina o salário recebido, por considerarem mais importante estarem empregados e alguns, ainda, com a carteira assinada.

“Eu costumo fazer hora extra direto, porque só assim consigo melhora o salário. Porque só com R\$ 300,00 não dá pra manter minha família. Porque não é só compra comida! Tem as coisa de escola das crianças, tem um churrasquinho no final de semana com os amigos. E só com R\$300,00 não dá! ”.

(E6: Arraial do Cabo/masculino/27 anos)

“Eu recebo R\$ 300,00 no mês que eu não faço hora extra. E esse dinheiro não dá pra nada porque só de compra vai pra quase R\$200,00. E só o necessário, sem luxo!”

(E5: Arraial do Cabo/feminino/51 anos)

“É difícil sobreviver só com o dinheiro daqui, se minha mulhé não tivesse os biscatizinho dela não dava pra comprar tudo pras crianças”.

(E8: Casimiro de Abreu/masculino/34 anos)

Ainda que o trabalho realizado nas usinas de reciclagem de lixo não tenha sido por escolha mas sim por necessidade, haja visto que a Região dos Lagos é marcada pela sazonalidade do mercado de trabalho, os catadores tiraram da necessidade a motivação necessária para o trabalho intenso com o lixo diariamente. Assim, longe do desemprego,

eles proporcionam melhores condições de vida a família, ainda que sem o devido reconhecimento familiar e social para a atividade de trabalho desenvolvida.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No cenário atual constatamos que os resíduos sólidos descartados pela sociedade transformam-se em recurso a ser aproveitado em campos de trabalho pelos catadores de materiais recicláveis, tais como: lixões e supostas usinas de reciclagem de lixo.

Esses catadores desenvolvem seu trabalho articulando rotinas, riscos, experiências, criação de laços, regras, saberes, prazer e até mesmo sofrimentos. Sofrimentos que não se restringem às marcas deixadas pelo trabalho, mas à indiferença social sofrida principalmente por aqueles que trabalham em lixões.

Entretanto, mesmo exercendo uma atividade laboral que foge aos padrões predominantes, o fato de disporem de uma ocupação os (as) fazem se sentirem trabalhadores fazendo parte, então, da sociedade.

Assim, de acordo com Juncá (2001),

“trabalhar com o lixo parece constituir-se em um desafio a ser vencido. Desafio que envolve ignorar estigmas e encarar riscos, substituindo medos e humilhações por formas de enfrentamento da realidade que criam e os mobilizam integralmente”.

Já que é o trabalho com o lixo que garante a inserção social e a sobrevivência dos catadores e de suas respectivas famílias.

Através da pesquisa de campo com catadores de materiais recicláveis vislumbramos diferentes histórias de vida. Histórias singulares, mas que têm em comum as marcas de um processo de exclusão social. Exclusão Social entendida enquanto um processo que envolve trajetórias de vulnerabilidade, fragilidade e precariedade nas dimensões do trabalho, sócio-familiar, da cidadania, das representações culturais e da vida humana.

Trajetórias constituídas por eixos paralelos de inserção e exclusão social, e por isso não consideramos que os catadores de materiais recicláveis estão em permanente estado de exclusão social. Pois, rigorosamente os únicos realmente excluídos seriam aqueles de quem já não se pode extrair nenhuma mais valia e permanece sem nenhuma relação de sociabilidade com o mundo.

Para a realização desse estudo partimos de determinadas questões para a análise do tema. O trabalho de campo e a realização de entrevistas com os catadores de materiais recicláveis apontaram para algumas respostas, ao mesmo tempo em que levantaram novas questões.

As histórias de vida dos catadores de materiais recicláveis dos lixões e das usinas pesquisados apresentam alguns pontos em comum, principalmente no fato de terem começado a trabalhar ainda na infância, ajudando na composição da renda familiar, bem como terem ingressado no trabalho com o lixo pela dificuldade de inserção no mercado de trabalho regional, devido à ausência de vagas ou, ainda, em função do baixo valor do pagamento pelos serviços prestados.

Além disso, os catadores de materiais recicláveis dos lixões pesquisados relataram que o ingresso na atividade da catação transformou-se de uma alternativa laboral eventual em um trabalho contínuo em vista da permanente possibilidade da obtenção de renda imediata com a venda do material coletado.

Os processos de trabalho dos catadores dos lixões e das usinas de reciclagem diferenciam-se desde o local de execução do trabalho até nas dinâmicas do trabalho, na divisão de tarefas, nos instrumentos utilizados e, conseqüentemente, nas relações estabelecidas entre os próprios catadores.

Nos lixões pesquisados o processo de trabalho é semelhante, enquanto que nas usinas de reciclagem pesquisadas é totalmente diferenciado. Na usina de Casimiro de Abreu o lixo, que vem todo misturado da cidade, é separado em esteira fixa no galpão pelos catadores; na Usina de Arraial do Cabo os catadores acabam coletando o material reciclável em um terreno a céu aberto, atrás do galpão da usina, que aparenta na verdade ser um lixão. Isso ocorre embora haja o galpão, que é utilizado para re-separação do material coletado, enfardamento e armazenamento do mesmo. Os catadores das usinas trabalham sob sol ou chuva, em dois turnos de trabalho (manhã e tarde) e utilizam equipamentos de proteção individual.

Na usina do município de Arraial do Cabo, embora todos os catadores trabalhem por turnos, eles acabam fazendo horas extras para conseguirem aumentar o rendimento individual mensal.

Tanto nos lixões como nas usinas de reciclagem pesquisadas as mulheres constituem a maioria dos trabalhadores. Tais catadoras têm a atividade da catação como única fonte de renda financeira para o sustento da família. Ao contrário, os homens (catadores do sexo masculino) realizam serviços extras como pedreiros, caseiros, jardineiros e padeiros.

Tal questão pode ser analisada a partir da categoria gênero no trabalho. A mulher trabalhadora, em geral, realiza sua atividade de trabalho duplamente, dentro (âmbito privado) e fora de casa (espaço público). No universo da vida privada, a mulher consome horas decisivas no trabalho doméstico, possibilitando a reprodução da força de trabalho de seus maridos, companheiros, filhos (as) e de si própria. Já aos homens cabe tão somente o sustento da família e para tanto buscam formas alternativas de trabalho para o aumento da renda familiar.

Para aqueles (entidades governamentais e particulares) que apresentam o trabalho em usinas de reciclagem de lixo como a saída para a melhoria do trabalho dos catadores de materiais recicláveis, é preciso, primeiramente, que sejam dadas reais e dignas condições de trabalho para esses catadores. A simples utilização da expressão “usina de reciclagem de lixo” não reduzem os problemas, quando na verdade tais locais não são dotados de toda a infra-estrutura para a mesma.

Ainda assim, para os catadores pesquisados na usina de reciclagem de Arraial do Cabo, por já terem trabalhado anteriormente nos lixões desse mesmo município, houve uma melhora significativa no processo de trabalho e nas relações trabalhistas com a implantação da usina, pois a carteira assinada “*é uma segurança que antes não tinha*”.

Com relação aos impactos do trabalho no lixão sobre sua saúde, os catadores de Iguaba Grande e Rio das Ostras relatam não haver relação direta entre as doenças apresentadas e o trabalho que realizam. No entanto, concordam que as dores de cabeça, as dores pelo corpo e o cansaço são consequência de sua rotina de trabalho. Além disso, os riscos de acidentes, os diversos acidentes sofridos pelos catadores e a exposição ao lixo são tratados por esses como inerentes ao trabalho a ser desenvolvido.

Resultados semelhantes foram apresentados pelo Projeto "Saúde, Ambiente e Desenvolvimento: Degradação Ambiental e Efeitos sobre a Saúde decorrentes da Disposição de Resíduos na Baixada Fluminense" (Porto, 2002), que conclui que,

“apesar da potencial relação entre os riscos existentes no local de trabalho e várias das doenças e sintomas mencionados pelos entrevistados, apenas uma pequena parte dos catadores (12,8% do total) acham que já tiveram alguma doença provocada pelo trabalho com o lixo”

“Quando o tema diz respeito aos acidentes ocorridos no aterro, a grande maioria (71,7%) mencionou já ter se acidentado, mostrando ser este um dos sérios problemas relacionados à saúde dos trabalhadores do aterro.”

Podemos supor a prevalência entre os catadores de materiais recicláveis pesquisados de uma aparente normalidade (Dejours, 1999) configurada como um mecanismo de defesa que tem um caráter de facilitar a adaptação ao trabalho (Kergoat, 1989). Tendo em vista ser característico de tal trabalho que os catadores garantem o sustento pessoal e familiar, o lixo que se transforma em material reciclável é tanto uma fonte de sustento quanto de riscos, sendo este um aspecto fundamental a ser considerado na análise da questão.

Já nas usinas pesquisadas a relação entre o trabalho com o lixo e a saúde é tratada de forma diferenciada, pois os trabalhadores relatam a direta relação entre as doenças apresentadas e o trabalho que realizam. Os riscos de acidentes e a exposição diária ao lixo são sabidos e temidos pelos entrevistados.

Esta pesquisa apresenta limites na análise de algumas questões, que podem vir a serem melhores estudadas em outros trabalhos, dentre outras:

- (i) a questão do gênero no trabalho dos catadores de materiais recicláveis em lixões e usinas de reciclagem;
- (ii) a aparente “normalidade” dos catadores de materiais recicláveis de lixões diante dos riscos de acidentes e dos acidentes ocorridos com eles durante o trabalho;
- (iii) a ausência de relação entre as doenças referidas e o trabalho para os catadores de materiais recicláveis dos lixões pesquisados.

Através dessa pesquisa identificamos campos de trabalho e trabalhadores que são o elo fundamental da cadeia da reciclagem de lixo no país. Os catadores por meio do trabalho

da catação (ainda que seja um trabalho precarizado e sem reconhecimento social) tentam encontrar condições que lhes permitam serem incluídos como sujeitos na sociedade. Portanto, reconhecê-los enquanto sujeitos, portadores de direitos e deveres e principalmente como protagonistas da ação da reciclagem de lixo é uma meta, a qual atualmente a sociedade já vem se deparando. Isso é ainda mais verdadeiro pelo fato de que tais catadores prestam um serviço à sociedade, pois reduzem a exploração de recursos naturais não renováveis e minimizam os impactos ambientais do lixo.

Assim, é fundamental que outras pesquisas e trabalhos sejam desenvolvidos tendo como foco o trabalho dos catadores de materiais recicláveis, principalmente no que tange à saúde desses trabalhadores e aos seus processos de trabalho, seja em lixões ou em usinas de reciclagem de lixo. Tais pesquisas e trabalhos podem contribuir para a melhoria dos meios e condições de trabalho em que os catadores estão inseridos atualmente por todo país, bem como para o reconhecimento social desses trabalhadores.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, V. P. **Resíduos Sólidos Urbanos: o problema e a solução**. Brasília – DF: Roteiro Editorial; 1996.

ANTUNES, R. **Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. São Paulo: Editora Cortez; 1995.

ANTUNES, R. **Os Sentidos do Trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo Editorial; 2000.

AZEREDO, V. G. **Os recicladores da miséria**. Dissertação de Mestrado em Serviço Social. Escola de Serviço Social/UFRJ; 1999.

AZEVEDO, J. *et al.* **Panorama das Usinas de Beneficiamento de Resíduos Sólidos Urbanos do Estado do Rio de Janeiro**. 2001. (mimeo).

BERGAMASCO, C. A Riqueza dos Reciclados. In: **Pequenas Empresas Grandes negócios**. São Paulo: Editora Globo; 2003.

BOUTET, J. Atividade de linguagem e Atividade de Trabalho. **Education Permanente**, nº 116. 1993.

BURSZTYN, M. (org). **No meio da rua: nômades, excluídos e viradores**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. Petrópolis: Vozes, 1998.

DEJOURS, C. **A Banalização da Injustiça Social**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas; 1999.

DEJOURS, C. Cooperação e Construção da Identidade em Situação de Trabalho. In: **Futur Antérieur**. Nº 16. 1993.

DIAS, C. & VARSANO, F. **A disputa pelas sobras**. Lixo: questão de sobrevivência. Jornal O Dia; 23/07/2000.

EIGENHEER, E. **Lixo e Vanitas: considerações de um observador de resíduos**. Tese de Doutorado em Educação. UFF/RJ; 1999.

ESCURRA, M. F. **Sobrevivendo do Lixo: população excedente, trabalho e pobreza**. Dissertação de Mestrado em Serviço Social:UFRJ; 1997.

ESCOREL, S. **Vidas ao léu: trajetórias de exclusão social**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; 1999.

FLEURY, S. **Estado sem cidadãos: Seguridade Social na América Latina**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1994.

GOMEZ, C. M. *et al.* **Trabalho e Conhecimento: Dilemas na Educação do Trabalhador**. São Paulo: Editora Cortez; 1995.

GROSSI, G. Os Badameiros e a descoberta do lixo. In: **CEAS**. Salvador, nº 182, pp. 67-84, 1999.

HOUAISS, A. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Editora Objetiva. 2001.

JORNAL DA UNICAMP. **Mercado informal reúne 200 mil catadores.** Jornal da UNICAMP. Campinas; maio de 2001. Disponível em:

<www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/jul/maio2001/unihoje_tema162pag03.html>

[Acesso em: 03 abr. 2002].

JORNAL O GLOBO. **No século XXI, quase meio país sem esgoto.** Retratos do Brasil. Jornal O Globo; 28/03/2002.

JUNCÁ, D. M. C. *et al.* **A mão que obra no lixo.** EdUFF/RJ; 2000.

JUNCÁ, D. M. C. Vida de Cata-Dor: outras palavras sobre o lixo. In: CEAS. Salvador, n° 193, pp. 61-68, maio/junho de 2001.

JÚNIOR, J. M. **Graves erros na Pesquisa Nacional de Saneamento Básico – PNSB, 2000.** Disponível em: <www.bolide.blogspot.com/2002_09_01_bolide_archive.html>. [Acesso em: 19 set. 2002].

KERGOAT, D. **Lutas Operárias e Relações Sociais de Sexo: da construção do sujeito coletivo no universo do trabalho operário.** Paris: GEDISST/CNRS; 1989. (mimeo).

LOPES, J. C. C. **A voz do Dono e o Dono da voz: trabalho, saúde e cidadania no cotidiano fabril.** São Paulo: Editora Hucitec; 2000.

MENEZES, A. L. T. **Libertar, Libertar ... Tu pensa que é fácil!? Uma pesquisa – ação participante sobre o gênero e trabalho com mulheres recicladoras de lixo.** Dissertação de Mestrado: PUC-RS; 1999.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em saúde.** Hucitec-Abrasco; 1998.

MINAYO, M. C., HARTZ, Z. M. A . & BUSS, P. M. **Qualidade de Vida e Saúde: um debate necessário**. Revista Ciência e Saúde Coletiva 5 (1), ABRASCO, 2000.

MINAYO, M. C. S. **Condições de Vida, desigualdade e saúde: a partir do caso brasileiro**. Trabalho apresentado no VIII Congresso da Associação Latino Americana de Medicina Social e XI Congresso da International Association of Helth Policy, Havana: Cuba; 2001. (mimeo).

MINAYO-GOMEZ, C. & THEDIM-COSTA, S.M.F. Precarização do trabalho e desproteção social: desafios para a saúde coletiva. In: **Ciência e Saúde Coletiva**, vol. 4 (2), 1999.

MOURA, M. *et al.* Os Badameiros: o lixo das profissões ou as profissões do lixo? In: **CEAS**. Salvador, 1989.

NEVES, D. P. A miséria em espetáculo. In: **Serviço Social e Sociedade**. São Paulo: Editora Cortez; nº 16, pp. 79-98, 1995.

NUNESMAIA, M. F. S. **Lixo: soluções alternativas – projeções a partir da experiência UEFS**. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana; 1997.

OLIVEIRA, L. **Os excluídos “existem”? – Notas sobre a elaboração de um novo conceito**. Revista Brasileira de Ciências Sociais (33), pág. 49-61, 1997.

OLIVEIRA, S. **Gestão dos resíduos sólidos urbanos na Microrregião Homogênea Serra de Botucatu - Caracterização física dos resíduos sólidos domésticos na cidade de Botucatu/SP**. 1997.

Disponível em: <<http://www.unilivre.org.br/centro/textos/forum/botucatu.htm>>.

[Acesso em: 28 set. 2001].

POCHMANN, M. **O trabalho sob fogo cruzado: exclusão, desemprego e precarização no final do século**. São Paulo: Editora Contexto; 1999.

PORTILHO, M. F. F. **Profissionais do Lixo: Um estudo sobre as representações sociais de Engenheiros, Garis e Catadores**. Dissertação de Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social: UFRJ; 1997.

PORTO, M. F. S. **Relatório Resumido do Questionário sobre as Condições de Vida, Trabalho e Saúde dos Trabalhadores do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho/RJ**. Projeto Intitulado - "Saúde, Ambiente e Desenvolvimento: Degradação Ambiental e Efeitos sobre a Saúde decorrentes da Disposição de Resíduos na Baixada Fluminense". FIOCRUZ/ENSP/CESTEH. Agosto de 2002.

PROGRAMA MORAR MELHOR – AÇÕES RESÍDUOS SÓLIDOS. Secretaria Especial de Desenvolvimento Urbano, Caixa Econômica Federal e UNICEF. Brasília – DF, 1997.

QUEIROZ, M. I. P. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: CERU e FFLCH/USP; 1983.

RAICHELIS, R. A assistência social e esfera pública: os conselhos no exercício do controle social. In: **Serviço Social e Sociedade**. São Paulo: Editora Cortez; nº 56, pp. 77-96, 1998.

RECICLOTECA. **Aterro x Lixão**. Nº 15, out/nov/dez, 2000.

SAWAIA, B. (org.). **As Artimanhas da Exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes; 2001.

SISINNO, C. L. S. & OLIVEIRA, R. M. **Resíduos sólidos, ambiente e saúde: uma visão multidisciplinar**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; 2000.

SOUZA, F. V. **Sobrevivendo das sobras: as novas formas de miséria urbana.** Dissertação de Mestrado em Serviço Social: Escola de Serviço Social/UFRJ; 1995.

SOUZA, G. **Rio abandona dez usinas de lixo.** Jornal do Brasil. Cidade. 30/12/2001.

TELLES, V. Pobreza e Cidadania. In: **Terceirização, Diversidade e Negociação no mundo do trabalho.** São Paulo: HUCITEC/CEDI/NETS; 1994.

TELLES, V. **A cidadania inexistente: incivilidade e pobreza – um estudo sobre o trabalho e a família na Grande São Paulo.** Tese de Doutorado. Departamento de Sociologia da USP. São Paulo, 1992.